

COLEÇÃO
AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE



ACADEMIA BRASILEIRA
DE LETRAS



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Júlia Cortines

 VERSOS

 VIBRAÇÕES

Rio de Janeiro 2010

COLEÇÃO AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Diretoria de 2010

Presidente: *Marcos Vinícios Vilaça*

Secretária-Geral: *Ana Maria Machado*

Primeiro-Secretário: *Domício Proença Filho*

Segundo-Secretário: *Luiz Paulo Horta*

Tesoureiro: *Murilo Melo Filho*

COMISSÃO DE PUBLICAÇÕES

Antonio Carlos Secchin

José Murilo de Carvalho

Marco Maciel

Produção editorial

Monique Mendes

Apresentação, organização e revisão

Gilberto Araújo

Projeto gráfico

Victor Burton

Editoração eletrônica

Estúdio Castellani

Catálogo na fonte:

Biblioteca da Academia Brasileira de Letras

C829 Cortines, Júlia, 1868-1948.

Versos ; Vibrações / Júlia Cortines ; apresentação Gilberto Araújo. – Rio de Janeiro : Academia Brasileira de Letras, 2010. 194 p. ; 21 cm. – (Coleção Austregésilo de Athayde ; 32)

ISBN 978-85-7440-185-0

I. Poesia brasileira. I. Araújo, Gilberto, 1987-. II. Título III. Série.

CDD 869.I

Descortinando Júlia

GILBERTO ARAÚJO

O *Jornal do Commercio* de 14 de julho de 1891 anunciava o livro de uma senhora muito aplaudida numa reunião de literatos¹. No entanto, o reclame só se concretizou três anos depois, em 1894, quando apareceram uns *Versos*, prefaciados por Lúcio de Mendonça. Reconhecendo na estreante qualidades comuns aos medalhões da época, o poeta convoca-os a lê-la para, narcisicamente, nela verem refletidos seus próprios méritos. A Machado de Assis, por exemplo, oferece a sobriedade da autora; à trindade parnasiana, sua excelência formal.

No prólogo, a disposição do medalhário obedece ao quilate da peça: apresenta-se a novata primeiramente a Machado, como se o aval do mestre chancelasse futuras acolhidas. A gradação argumentativa desemboca modestamente no leitor e no prefaciador, que, poeta republicano, elogia(-se) na poetisa a ausência de sentimentalismo, particularidade a seu ver incomum num livro de mulher. A ênfase inicialmente masculinizante do *merchandising*, relacionando a senhora a homens renomados, feminiza-se no final do prefácio,

1  Cf. Blake, 1899: 241.

quando Lúcio exorta as “irmãs laureadas” (1894: XIV) a receber a caçula; infelizmente, as anfitriãs – Narcisca Amália, Adelina Vieira, Maria Vilhena, Presciliana Duarte, Zalina Rolim, Ernestina Varela e Amélia de Oliveira – tornaram-se tão desconhecidas quanto a convidada... À época, porém, equipará-la às companheiras agregava-lhe forte valor no mercado literário.

E a propaganda logo surte efeito. Na coluna “A Semana” da *Gazeta de Notícias*, de 4 de novembro de 1894, Machado admite ser a iniciante uma “poetisa de temperamento e de verdade” (2008: III17). Em 12 de novembro, no mesmo jornal, Adelina Lopes Vieira também a enaltece. Na “Crônica dos Livros” de *A Semana* (o jornal, não a coluna) de 3 de novembro de 1894, João Ribeiro, mascarado de N.N., situa-a num dos “mais altos lugares mesmo entre os nossos melhores poetas do sexo feio” (1894: 525). Em 1895, prefaciando *Mármore*, de Francisca Júlia, o crítico sergipano relembria o “nome glorioso” (1957: 77) da iniciante.

Passados dois anos do calor da estreia, Machado de Assis não perde a simpatia pela poetisa: em crônica de 19 de janeiro de 1896, ombreia-a a Zalina Rolim e à vedete parnasiana Francisca Júlia. No mesmo ano, Valentim Magalhães publica *A Literatura Brasileira (1870-1895)*, reunião de suas conferências realizadas em Portugal em favor de nossa literatura. O volume dispõe de pequena antologia dos “principais livros modernos” (1896: 5), na qual a estreante comparece com três poemas² de “singular organização literária – para mulher” e “espírito viril” (1896: 72). A coroa de louros alongou-se em 1899, quando a autora logrou um verbete no quinto volume do rigoroso *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, de Sacramento Blake.

2  “A Vingança de Cambises”, “Soledade” e “Indiferente”.

De quem falamos afinal? De Maria Júlia Cortines Laxe, escritora nascida em Rio Bonito, RJ, em 12 de dezembro de 1863³. Filha do jornalista e deputado federal João Batista Cortines Laxe e de Júlia Mesquita Cortines Laxe, gozou de educação refinada, estudando em sua terra natal, em Niterói e posteriormente no Rio de Janeiro. Auto-didata, aventurou-se cedo nas letras, lendo o que lhe chegava às mãos. Aos 13 anos, escreveu os primeiros versos; aos 21, já colaborava em periódicos da Corte. Aperfeiçoou-se em literatura e desenvolveu longa carreira no magistério, abrigando em classe alunos importantes como Lúcio Costa e Haroldo Valadão.

Apesar da morte em idade avançada (85 anos), Júlia deixou o exíguo montante de dois livros, *Versos* (1894) e *Vibrações* (1905), o primeiro publicado aos 31 anos e outro aos 42, restando, para antes e depois desse intervalo, quase três décadas de silêncio, eventualmente quebrado por textos esparsos em periódicos ou adormecidos nas gavetas⁴. Abonado por críticos de peso, o título inaugural veio a lume pela Leuzinger, uma

3  Péricles Eugênio da Silva Ramos (1959), Afrânio Coutinho (2001) e Sânzio de Azevedo (2004) registram o nascimento de Júlia Cortines em 1868. No entanto, da folha de rosto da biografia de Renato de Lacerda (cf. Referências) consta que o livro corresponde a uma conferência por ele ministrada “na noite de 13 de dezembro de 1963, ao ensejo do I.º Centenário de nascimento da grande poetisa fluminense” (1967: I), o que indicaria ter a autora nascido cinco anos antes do comumente apontado. Apesar de não termos consultado a certidão de nascimento de Júlia Cortines, há outro indício de que o ano correto seja 1863: o biógrafo, conterrâneo da poetisa, baseou-se na *Monografia de Rio Bonito* (1946), de Roberto Pereira dos Santos, pesquisador que contactou a autora (cf. 1967: 80).

4  Em linguagem rebarbativa, Renato de Lacerda alude à produção contínua de Júlia Cortines: “Ao escalar as culminâncias de sua idade propecta, na ânsia de apreciar de mais perto as pirilâmpicas iluminuras das constelações, o estilete de sua pena octogenária ainda cinzelava marmóreas peças do mais fino lavor estilístico” (Lacerda: 1967: 37). O biógrafo transcreve três poemas inéditos da autora, incluídos nesta edição.

das mais atuantes tipografias de nossa *belle époque*⁵. O êxito crítico e editorial repetiu-se quando apareceram *Vibrações*. José Veríssimo, por exemplo, afirma que este livro “vale mais, muito mais, do que em geral a obra das nossas poetisas e até do que a da maioria dos nossos inúmeros poetas” (1907: 171), distanciando-se “magnificamente da poesia de água de cheiro e pó de arroz da musa feminina brasileira” (1907: 175). Com propriedade, Sânzio de Azevedo destaca que Veríssimo a louvou tão veementemente quando ainda viviam os maiores nomes do parnasianismo no Brasil (2004: 122), o que tonifica o encômio. Endossaram o juízo favorável Aluísio e Artur Azevedo, Magalhães de Azeredo, Medeiros e Albuquerque, Xavier Marques e outros⁶. A obra de 1905, além disso, saiu pela Laemmert & C., que disputava com a Garnier o cetro de nosso parque editorial⁷, bastando mencionar que foi aquela casa a responsável por dois estrondosos sucessos da época: *Flor de Sangue* (1896), de Valentim Magalhães, e *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha.



Entretanto, à hospitalidade pretérita sucedeu o gradual esquecimento de Júlia Cortines, sequestro circunscrito ao descaso geral com o parnasianismo: na batalha modernista, o Parnaso serviu de bode expi-

5  “Sob a direção de Leuzinger, ela se tornou uma das tipografias mais bem equipadas do país e veio a desempenhar um notável papel no progresso da impressão no Brasil; ela era constantemente modernizada com a importação dos mais recentes equipamentos da Alemanha e dos Estados Unidos e com o recrutamento de artesãos qualificados. Por volta do fim do século nós ainda a vemos sendo preferida pelo governo em detrimento de sua própria Typographia Nacional” (1985: 158).

6  Cf. Lacerda, 1967: 71.

7  “os Laemmerts e seu concorrente Garnier dominavam as edições brasileiras contemporâneas” (1985: 165).

atório, sendo sacrificado no século XIX por pecados inventados no XX. Infelizmente, a condenação *a posteriori* envolvia mais o que os modernistas não queriam ser do que aquilo que os parnasianos foram...

A injustiça contra o Parnaso não se deve, todavia, apenas aos modernistas, mas também ao equívoco crítico de que a totalidade dos escritores de 1922 intentavam a demolição do parnasianismo, quando, a rigor, talvez eles censurassem mais a deterioração contemporânea do movimento do que seu esplendor finissecular; ou seja, atacavam antes a míngua do presente do que a soberania do passado.

De fato, é ao epígono parnasiano que, em *Itinerário de Pasárgada*, Manuel Bandeira confessa destinar “Os Sapos”, sátira “contra certos ridículos do pós-parnasianismo” (1966: 59). Bandeira não menospreza, portanto, a poesia parnasiana; ao contrário: justo por estimá-la, critica seus agentes de erosão (Goulart de Andrade e Hermes Fontes, especificamente). Em sua *Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Parnasiana* (1938), o pernambucano franqueia espaço apenas à aurora e ao zênite do movimento, deslocando seu crepúsculo para o silêncio noturno... A lacuna parece desempenhar função preventiva, pois, no risco de salvar epígonos e imolar tardios, Bandeira pauta-se no critério temporal⁸ e omite autores cuja extemporaneidade pouco ou nada afeta o vulto literário, como Amadeu Amaral, Martins Fontes, José Albano, Júlia Cortines e outros parnasianos tardios.

Não almejamos escoimar os diluidores do parnasianismo de sua precariedade; é necessário, no entanto, distinguir o poeta tardio do epigonal: no primeiro refluem marcas duma poesia enraizada em tem-

8  Diz Bandeira: “Só incluímos nesta antologia os poetas nascidos até 1874, isto é, os poetas que começaram a versejar mais ou menos parnasianamente antes do advento do simbolismo (*Broquéis* de Cruz e Sousa, 1893). A nossa intenção aqui foi fixar a fase realmente renovadora e criadora do Parnaso” (1938: 19).

po anterior ao seu, sem rasurar sua assinatura literária, ao passo que o outro, reproduzindo antes o cacoete do que o estilo, rege-se por uma baqueta enferrujada. Se naquele existe anacronia, neste grassa a mediocridade.

A maioria dos poetas pós-parnasianos⁹, tardios ou epigonais, nasceu entre 1875 e 1885 (Cortines é ligeira exceção), portanto entre o ocaso do romantismo e o levante do Parnaso, afluindo ambas correntes em suas formações literárias. Todavia, com a voga parnasiana, a vaga romântica imergiu-se na outra, manifestando-se ocasionalmente em franca ressurgência poética. Por vezes, o esforço de travestir a linfa romântica em gesso parnasiano forjou uma linguagem nababesca, algemada aos vocábulos raros e aos hipérbatos, como se a maquiagem ostensiva pudesse disfarçar as rugas românticas. O onanismo formal, em alguns epígonos, sobrepôs-se ao próprio poema: lembre-se o famoso caso de Goulart de Andrade, cujo “Forte Abandonado” foi “obrigado a consoante de apoio”, prescrição ironizada por Bandeira.

A ambivalência dos poetas dessa geração não se desliga de uma contingência temporal: quase todos foram adolescentes numa época de transição, conjugando-se à indecisão da idade a flutuação literária. Liam e emulavam o parnasianismo em meados da década de 1890, momento de enfraquecimento da escola, seja por sua própria anemia, seja pela ascensão simbolista. Em 1893, por exemplo, Cruz e Sousa publicara *Missal* e *Broquéis*, esfumaçando as colunas parnasianas numa dicção misteriosa e evanescente. Também começaram a germinar os poemas em prosa, abrindo campanha contra o metro, pilar da poética

⁹ ∞ Com prefixo “pós” desejamos assinalar um matiz unicamente temporal: a estreia literária posterior ao auge do parnasianismo.

parnasiana; no âmbito formal, acrescentem-se ainda as primeiras ocorrências do verso livre, com Alberto Ramos, Guerra-Duval e Mário Pederneiras. Enfim, as novas demandas de espectro temático e de suporte expressivo ensejaram a exaustão do parnasianismo, embora muito de seu estilo tenha vazado para o simbolismo, criando uma osmose poética que torna indiscerníveis os componentes da mistura. Como, então, processar a noite romântica, o crepúsculo parnasiano e o alvorecer simbolista?

A poesia dos pós-parnasianos debate-se por operar essa confluência, não obstante modele seu “ecletismo” ao código formal parnasiano, principalmente na exploração das formas fixas e no rigor métrico. Nesse sentido, é emblemático em Cortines um poema de forte tonalidade simbolista, como “Alma Solitária”, ser um soneto delineado em alexandrinos, metro, aliás, que inicia e encerra suas duas obras... Além disso, à primeira vista, a comparação entre os títulos dos livros traçaria o itinerário poético da autora: se *Versos*, enfatizando a inclinação formal, aproxima-se das *Poesias* bilaquianas, *Vibrações* remete à eletrização simbolista. Todavia, conforme bem observaram Fausto Cunha e Wilson Martins, a “carreira [de Cortines] é, por assim dizer, invertida, indo das harmônicas simbolistas, com os *Versos*, às harmônicas parnasianas das *Vibrações*, em 1905” (1996: 47), quiasma detector do redemoinho literário da época.



A fluminense, apesar de não selecionada por Manuel Bandeira, que a menciona *en passant* ao referir-se ao parnasianismo disperso nos periódicos, compareceu em importantes antologias do movimento: no citado compêndio de Valentim Magalhães; nas coletâneas de Péricles

Eugênio da Silva Ramos (1959 e 1967), com um e cinco¹⁰ textos, respectivamente e, quebrando 40 anos de ostracismo, no *Parnasianismo* (2006), de Sânzio de Azevedo, no qual se imprimem cinco de seus poemas¹¹. Fausto Cunha (cf. artigo subsequente) conta ter lido Júlia Cortines na antologia de Eugênio Werneck “lá pelos anos 40”. Curiosamente, o exemplar por nós consultado, de 1945, não transcreve nenhum poema da autora. Conquanto não possamos precisar a partir de qual edição Cortines abandonou a seleta, sua saída silenciosa indicia o esquecimento a que foi progressivamente submetida.

Agrava-se o quadro ao considerarmos a condição desprivilegiada das escritoras no século XIX. A vida literária masculina e excludente afastava as mulheres dos principais circuitos de legitimação do escritor: a baixa tiragem dos livros, muitas vezes impressos em tipografias obscuras, dificultavam a divulgação de suas obras, hoje raridades bibliográficas, extraviadas das bibliotecas ou recolhidas em acervos particulares. É eloquente nesse sentido o fato de a publicação pela Garnier ser privilégio de poucas, como Júlia Lopes de Almeida ou Carmen Dolores. Dispunham ainda de espaço reduzido nos periódicos, levando-as a criar nichos de publicação feminina, dos quais se destaca *A Mensageira – Revista Literária Dedicada à Mulher Brasileira* (na qual Júlia Cortines colaborou, dirigida por Prescília Duarte de Almeida. Acresce a isso o veto de ingresso na Academia Brasileira de Letras¹², que só abriu as portas às escritoras em 80 anos após sua fundação, com a eleição de Rachel de Queiroz em 1977.

10 ∞ “A Vingança de Cambises” (1959); “O Lago”, “Eternidade”, “Fracos”, “Interrogação” e “Última página” (1967).

11 ∞ “A Vingança de Cambises”, “O Lago”, “Eternidade”, “Fracos” e “Última Página”.

12 ∞ Cf. “As Mulheres na Literatura Brasileira”, de Brito Broca (*In: Românticos, Pré-Românticos, Ultrarromânticos (Vida Literária e Romantismo Brasileiro)*). São Paulo; Brasília: Livraria e Editora Polis; MEC / INL, 1979, pp.76-9), e “As Mulheres na Academia”, de Alberto Venancio Filho (*Revista Brasileira*, 2006, n.º 49, pp. 7-43).

Persistem as sequelas dessa negligência; para ficarmos na esfera parnasiana, onde estão Adelina Lopes Vieira, Ana Amélia de Queirós Carneiro de Mendonça, Ibrantina Cardona e Rosalina Coelho Lisboa? Observou Fausto Cunha que apenas duas autoras alcançaram (frágil) sobrevivida: Júlia Lopes de Almeida e Francisca Júlia, esta na poesia e aquela na prosa, merecendo reedições e fortuna crítica ao longo do século XX. Aos poucos, contudo, surgem iniciativas de reinserção das mulheres em nossa história literária, conforme demonstra o excelente trabalho encetado pela Editora Mulheres, de Santa Catarina.

No caso de Cortines, poucas foram também as investidas críticas e biográficas. Merece destaque o artigo de Fausto Cunha, “A Poesia Esquecida de Júlia Cortines” (1954), ao que sabemos, o primeiro estudo distanciado temporalmente das publicações originais e o pioneiro no esforço de compreensão sistemática e contextualizada de sua obra, razões por que o reproduzimos nesta edição. No centenário de nascimento da autora, Renato de Lacerda dedicou-lhe conferência na Academia Fluminense de Letras, depois estampada em *Júlia Cortines (A Musa Fidalga de Rio Bonito): Traços Biográficos* (1967). Em suas antologias (1959 e 1967), Péricles Eugênio da Silva Ramos traça sucintamente a biobibliografia da fluminense, rumo também palmilhado por Sânzio de Azevedo em *O Parnasianismo na Poesia Brasileira* (2004) e no *Parnasianismo* (2006). Wilson Martins dedica-lhe um parágrafo no volume IV da *História da Inteligência Brasileira*.



Esta edição respeitou ao máximo a vontade autoral. Por adequação ao novo *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (2009), atualizamos a ortografia e a acentuação. Mantivemos os acentos das edições *princeps*

apenas quando a obediência ao *Acordo* comprometia a integridade dos poemas: em “Sinal da Frente”, por exemplo, a acentuação de “prea” [preá] na nona estrofe desfaria o decassílabo, o mesmo valendo para o “reptil” [réptil] de “Por toda a Parte”. Reproduziram-se integralmente os sinais de pontuação e os diacríticos, ainda quando infringissem as regras hoje vigentes. Além disso, oferecemos, como bônus ao leitor, um manuscrito de “Por toda a Parte”, copiado na folha de guarda do exemplar de *Vibrações* pertencente ao acervo de Antonio Carlos Secchin, e três poemas inéditos de Júlia Cortines, coletados por Renato de Lacerda (1967).



Como o ensaio de Fausto Cunha, reproduzido a seguir, franqueia ao leitor caminhos seguros de iniciação à poesia de Júlia Cortines, privilegamos nesta apresentação os dados contextuais capazes de situar a poetisa em seu tempo. Permitimo-nos agora apontar brevemente algumas outras sendas de aproximação de sua obra:

Renato de Lacerda atribui a Júlia Cortines “temperamento arredio, sonhador, ensimesmado, tristonho, senão mesmo revoltado” (1967: 33), mais devoto à fazenda monótona dos avós, onde se refugiava durante as férias escolares, do que à movimentação urbana. À reclusão da professora parece juntar-se a da poetisa, para quem a solidão desvela-se como via de experimentação profunda das potencialidades da vida. Não por acaso, o primeiro poema de seu primeiro livro intitula-se “Soledade”. O motivo do *outsider* reaparece em “Prometeu”, onde se compara o artista àquela figura mitológica; ambos constatarem suas misérias diante de um ideal que, como o horizonte, se aproxima no

mesmo passo em que se afasta. O isolamento ultrapassa a condição de fermento poético e converte-se no princípio metafísico da incomunicabilidade em “Alma Solitária”.



O insulamento e a susceptibilidade do homem desdobram-se num fractal imagético de derivas e tempestades: cf. “Ruína”, “Indiferente”, “À Beira-Mar”, “Judas” “A Tempestade”, “Dilúvio”, “Cançonetas”, “Eternidade”, “Fragmentos”, “Enfim!”. Ancorado, o naufrago permanentemente paralisa seu avizinhamento do horizonte.



Almejando remir o horizonte irrecuperável, o sujeito poético empenha-se na transposição de balizas, com o nítido intuito de atingir dimensões mais transcendentalmente dinâmicas. A metáfora da vida como encalhe dramatiza a impotência que ingenuamente aspira ao conhecimento e à expansão. Dedicado à mesma demanda libertadora está o desejo de elevação: cf. “Via Dolorosa”, “Desencanto”, “Fragmentos do Livro de Jó”, “O Lago”, “O Anoitecer”, “O Condor”, “Terra Ideal”, “Nostalgia Selvagem”, “À Beira do Abismo”, “Esfinge”.



Os esboços de driblar a desventura pelo sonho, pelo amor e pelo contato com a natureza diluem-se no tempo, como se, na escala ascensional, cada degrau desaparecesse à medida que o sujeito o pisasse. No topo, o abismo: cf. “Suprema Dor”, “A um Velho”,

“Versos de um Suicida”, “Dor Eterna”, “Finis”, “Adesso e sempre”, “Destino”, “Ilusões”, “Asas”, “Diálogo”, “Depois da Batalha”, “A si Mesmo”, “A Giacomo Leopardi”, “Entre Abismos”, “O Sonho”, “Dor Secreta”, “Por quê?”, “A um Coração”, “Desiludida”, “Vencida”, “Fracos”, “À Beira do Abismo”, “Eu Estou Fatigada”, “Vaticínio”, “A um Cadáver”, “Ao Sol”.



A desilusão cósmica, sintetizada em “Por toda a Parte” (por isso Cortines o transcreve?), expande o ceticismo do sujeito a ponto de fazê-lo negar Deus: cf. “Renúncia”.

Referências

- AZEVEDO, Sânzio de. *O Parnasianismo na Poesia Brasileira*. Fortaleza: Editora UFC; Sobral: Edições UVA, 2004.
- BANDEIRA, Manuel (org.). *Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Parnasiana*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1938.
- _____. *Itinerário de Pasárgada*. 3.^a edição. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966.
- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Quinto Volume. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899.
- CORTINES, Júlia. *Versos*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1894.
- _____. *Vibrações*. Rio de Janeiro: Laemmert & C. – Editores, 1905.
- COUTINHO, Afrânio & SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. 2.^a edição rev. e amp. São Paulo: Global Editora; Rio de

Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001. 2 volumes.

LACERDA, Renato de. *Júlia Cortines (A Musa Fidalga de Rio Bonito): Traços Biográficos*. Niterói, 1967.

MAGALHÃES, Valentim. *A Literatura Brasileira (1870-1895)*. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1896.

MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. Volume IV. 2.^a edição. São Paulo: T. A. Queiroz, 1996.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Panorama da Poesia Brasileira (Volume III: Parnasianismo)*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1959.

RIBEIRO, João [N.N.]. “Crônica dos Livros”. In: *A Semana*, 3/11/1894.

_____. *Crítica*. Volume II (Poetas; Parnasianismo e Simbolismo). Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1957.

Veríssimo, José. “Uma Poetisa e Dous Poetas”. In: *Estudos de Literatura Brasileira (Sexta Série)*. Paris; Rio de Janeiro: H. Garnier, Livreiro-Editor, 1907, pp. 165-85.

Júlia Cortines
na mocidade.



A Poesia Esquecida de Júlia Cortines

FAUSTO CUNHA

Da constelação das três Júlias, coube à poetisa de *Vibrações* a maior parcela de esquecimento. Francisca Júlia, graças à frase-feita de que foi nosso único parnasiano verdadeiro, conseguiu mais ou menos firmar-se nas histórias literárias e nas antologias. Júlia Lopes de Almeida, com uma obra volumosa e uma família particularmente dedicada às letras, foi, talvez, ainda mais favorecida que a sonetista de *Esfinges*. E Júlia Cortines? Comparou-a José Veríssimo à italiana Ada Negri, abrindo com esse juízo uma série de opiniões favoráveis que o tempo logo interrompeu. Se não ficou de todo banida, deve-o em boa parte à antologia de Eugênio Werneck, a mais feliz de quantas se fizeram até hoje em nossa terra.¹ Werneck registrou a presença de Júlia Cortines e com isso preservou-a pelo menos na lembrança aleatória dos gina-

*  Artigo publicado em *Letras e Artes* (Ano 8.º, n.º 294, 13 de abril de 1954, pp. 3 e 10), suplemento literário de *A Manhã*. [N. do O.]

1  Lembramos que a antologia organizada por Péricles Eugênio Ramos foi publicada em 1959, cinco anos depois deste artigo de Fausto Cunha. [N. do O.]

sianos. O soneto escolhido não é a melhor composição da autora de “O Condor”, apesar de sua boa qualidade. O verso final – “Vês tranquila se erguer o teto do teu lar”² – possui venturosa concorrência de “tt”, que, sempre me pareceu, comunica aquela sensação de permanência, de solidez, de refúgio, que o próprio sentido contém.

Meu primeiro contato com a poesia de Júlia Cortines se deu através de uma de suas realizações mais desligadas da linha geral: “O Condor”. A influência de Castro Alves nesse poema é evidente. O tema, o vocabulário, a imagínica são os mesmos. Publicado em *Vibrações* (1905), é dois poucos liames de Júlia com o romantismo. Até hoje guardo de memória algumas estrofes dessa composição, que, lá pelo ano de 1940, me impressionara fortemente.

Estreou Júlia Cortines em 1894, com um livro modestamente intitulado de *Versos*, prefaciado por Lúcio de Mendonça. O prólogo data de “Minas, março de 1892”, e nele o futuro fundador da Academia Brasileira de Letras dirige um apelo a Machado, Raimundo Correia, Bilac, Alberto de Oliveira (“excelsa trindade parnasiana”), Augusto de Lima, Luís Delfino, Valentim Magalhães, João Ribeiro, Osório Duque-Estrada, Arthur de Azevedo e Raul Pompeia, o que dá uma ideia da dominação do momento. “Espírito forte, sem outra religião que a da arte, não espereis dela nenhum lânguido sentimentalismo. Uma vez apenas encontra-se o nome de Deus neste livro de mulher; e essa única vez é numa tradução”, diz o prefaciante. Na verdade, a obra de estreia contém bastante sentimentalismo, inclusive algumas exprobações amorosas muito exacerbadas. Lânguido, porém, de fato não é. Ainda no prólogo, convoca o lirismo das “Névoas Matutinas”, as “irmãs laureadas da poetisa, que antes dela ‘penetraram’ no radioso templo”. E conclama: “– Vinde recebê-la ao peristilo sagrado: acorrei todas,

2  O autor refere-se ao poema “Exilado”. [N. do O.]

Narcisa Amália, Adelina Vieira, Maria Vilhena, Perciliana Duarte, Zalina Rolim, Ernestina Varela, Amélia de Oliveira”... Como se vê, de todas apenas se salvou Narcisa Amália, recentemente trazida a foco por Antonio Simões dos Reis. O livro de Zalina Rolim, *Coração*, de que existe na Biblioteca Nacional um exemplar, nunca pôde ser por mim consultado: espera numa problemática “encadernação”, entre milhares de outros, o dia do Juízo Final. O nome de Adelina Lopes Vieira (também antologizado por Werneck) sobrevive por um soneto mais de Raimundo, do que dela mesma. Quanto a Presciliana Duarte, conheço-lhe apenas o *Livro das Aves*, seleta escolar, onde figuram muitas poesias suas, de Zalina Rolim, poetas e poetisas da época – sempre alusivas ao reino voador. Júlia Cortines deve ter conhecido a maioria dessas poetisas, pois lhes dedica alguns trabalhos. É clara a referência ao livro *Nebulosas* no soneto “Paisagem” (1890), ofertado a Narcisa Amália. Convém, todavia, sempre levar em conta, nas dedicatórias, as admirações ou conveniências de então.

Datam de 1886 as composições mais antigas de *Versos* (Tip. Leuzinger, Rio, 1894). Uma delas, o soneto “Tarde de Inverno”, é talvez dos poucos trabalhos seus que alcançaram o grande público. Nitidamente parnasiano, é um fino labor poético, onde já se caracteriza a palheta descritiva de Júlia Cortines:

Sob o curvo cristal da imensidade
De um céu de transparência etérea e fria,
Em que do posto sol a claridade,
Azul e melancólica, radia,

Vemos o bosque, o rio, a amenidade
Das sombras, a ondulada pradaria,
Como um painel de estranha suavidade
E encantadora e rústica poesia.

Olha como o formoso fruto loiro
 Salpica de pequenos pontos de oiro
 Aquela verdejante laranjeira!

E além, além, do céu no alaranjado
 Fundo se esbate e avulta o recortado
 E sombrio perfil da cordilheira...

O decassílabo final, pelo seu andamento rítmico e alternância sonora obtida com a vogal “i”, que estrutura o verso em combinação com vogas neutras ou contrastantes (“perfil”), é um dos mais perfeitos da língua. Data igualmente de 1886 o poema “A Magnólia”, onde, nesta estrofe:

Mas há nas brancas pétalas sem vida
 O congelado choro
 Que, como fria lágrima retida,
 Reflete o brilho do ouro...

se encastoa uma das melhores imagens do parnasianismo: “congelado choro”. Não é, a rigor, original, pois emigra de um dos *topoi* favoritos do romantismo, o do orvalho caindo como um pranto sobre a corola das flores.

Pode-se apontar, como mais pronunciadas em Júlia Cortines, a influência de Bilac, Alberto, Raimundo e Augusto de Lima; essas influências são mais sensíveis, umas em *Versos*, outras em *Vibrações*. Parece que à Júlia era querida a poesia italiana³: traduziu poemas de Leopardi, Ada Negri e de outros. Leopardi chega a ser uma espécie de constante na obra da poetisa de Rio Bonito; inspirando-lhe, inclusive, um poema.

3  Contribuiu para essa inclinação à poesia italiana uma extensa viagem de Cortines à Itália. A visita também gerou textos em prosa, publicados na coluna “Através da Vida”, do jornal *O País*. [N. do O.]

Nas produções de *Versos* utilizou Júlia Cortines sobretudo o decassílabo, que iria abandonar quase totalmente em *Vibrações*, onde o domínio do alexandrino é absoluto. Também não se confirmaram certas tendências simbolistas do livro de estreia. Pelo contrário, parnasianizou-se ainda mais no segundo volume. Todavia, é de notar-se que há em *Vibrações* um soneto não somente simbolista, senão também manifestamente inspirado em Cruz e Souza: “Alma Solitária”:

O que sentias era o que ninguém sentia:
– O ódio, o amor, a saudade, a revolta tremenda.
Não há ninguém que te ame e te console e entenda.
Ninguém compartilhou tua funda agonia.

A alma que possuir acreditaste, um dia,
Indiferente, vai a trilhar outra senda.
Do infinito deserto ergueste a tua tenda
Em meio à solidão da paisagem vazia...

E ora num voo audaz, ora num voo incerto,
Entre o fogo do céu e a areia do deserto,
A asa da aspiração finalmente cansou...

Mas a tua ansiedade e a tua angústia acalma.
– Sobre o abismo cavado entre as almas, ó alma,
Ninguém, para transpô-lo, uma ponte lançou.

Embora o parnasianismo (com particularidade o pós-parnasianismo) possa apresentar composições de natureza idêntica, a feição simbolista de “Alma Solitária” me parece clara. Se dúvida, se se quiser fa-

zer uma análise rigorosa do soneto, poder-se-á remontar até ao romantismo, com seus símiles, suas metonímias, suas imagens, “a tenda no deserto”, “a areia do deserto”, “o voo audaz”, “a asa da inspiração”. As fronteiras entre o parnasianismo e o simbolismo, quando abolidas, do primeiro, o descritivo rígido e, do segundo, o vocabulário exótico e a adjetivação carregada, são difíceis de delimitar. O recente *Panorama* de Andrade Muricy está cheio de trabalhos que não destoariam de um “panorama” do parnasianismo.

Havia, na primeira fase de Júlia Cortines, acentos bastante afins do simbolismo conforme praticado entre nós. O poema “Asas Brancas” daria ótimo exemplo:

Asas brancas, que à luz das roxas madrugadas

Torvelinhais no azul em doidas revoadas,

(...)

Asas negras, da noite agitada e bravia

Batidas pela chuva e pela ventania,

(...)

Como Alberto de Oliveira e Raimundo Correia, procurava Júlia Cortines, nos decassílabos, o apoio dos esdrúxulos internos. Nos 18 tercetos de “Suprema Dor” há 15 decassílabos desse tipo: como I0 se contam nos 12 tercetos de “Os Amores da Estrela” de Alberto. Em *Vibrações* (Laemmert & C., Rio, 1905), livro de maturidade, o decassílabo quase desapareceria. Buscaria Júlia Cortines um tom lento e austero, um quase andamento fúnebre para sua poesia elegíaca.

Se em *Vibrações* se cristalizou a amargura que deve ter sublinhado a vida interior de Júlia (daí, talvez, sua admiração por Leopardi), já em

Versos era acentuada. Decepções amorosas? Resíduos de pessimismo romântico? Sintomas do pessimismo que veio de cambulhada com o ateísmo, o cientificismo e o realismo do fim do século XIX? Já em 1887, aos 19 anos, fazia graves renúncias sentimentais:

A mim, porém a mim, a mim que importa,
A mim, cuja esperança há muito é morta,
Que o tempo, como um rio que se escoia,

Nos arrebate as ilusões que temos?!
– Deixo em descanso os fatigados remos,
E que o barco da vida boie à toa.

Em *Vibrações*, a nota amarga se carregaria. Não citarei “Por toda a Parte”, que não passa de uma sugestão das famosas “Paráfrases” de Fontoura Xavier. Prefiro um poema feito em memória de seu pai e que contém versos à Leoni:

A afeição, que, fiel, te acompanhava, deve
Ficar, a pouco e pouco, à tua ausência alheia.
Passaste; e o esquecimento há de apagar, em breve,
O sinal que o teu passo imprimiu sobre a areia...

Noutro, a descrença da vida é total:

Morta, enfim, a esperança e desfeita a quimera,
Tu chegaste da vida ao cimo da montanha,
Onde, no calmo horror da solidão que impera,
Nada mais te acompanha.

Por fim, aquilo que Lúcio de Mendonça havia assinalado em *Ver-*
sos se torna confesso. Deus não é apenas o ausente, Deus será negado.
Deus e os mitos religiosos, a alma, a existência de além-túmulo. Vol-
taire, Renan, Anatole, Schopenhauer, Nietzsche, Haeckel cobram
sua presença. De suas decepções, das influências da época, talvez da
própria existência efetiva, retirará Júlia Cortines um dos seus melho-
res poemas:

Eternidade d'alma! ilusória miragem,
Que a alma busca através da crença e do terror,
A idear uma calma ou sombria paragem
De infinito prazer ou de infinita dor!

(...)

À minha alma de balde essa ilusão convida.
Sem crença e sem terror, é-lhe grato saber
Que por destino tem, sobre as ondas da vida,
Um instante boiar, e desaparecer...

Pode Júlia Cortines, diante da posteridade, reivindicar o seu lugar
na poesia brasileira? Minha resposta é afirmativa.

 VERSOS

JULIA GORTINES

VERSOS

COM UM PROLOGO

DE

Lucio de Mendonça



RIO DE JANEIRO

Typ. LEUZINGER — rua do Ouvidor 31 & 36

—
1894

Preâmbulo

A esta que hoje vem, senhoril e airosa, assumir o lugar que lhe pertence em nossas letras, acolhei-a como da família, queridos poetas.

Vê, Machado de Assis, sumo mestre, com que mão sóbria pulsa a divina cítara.

Raimundo Correia, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, excelsa trindade parnasiana, lede-me esta “Anfitrite”, imitada de Fénélon, esta “Tarde de Inverno”, esta “Dor Eterna”; admirai-me esta adorável “Paisagem”; e confessai que é já uma maravilha de correção de forma a poesia desta estreante.

Foram talhados para teu enlevo, nobre pensador Augusto de Lima, os mais varonis dos seus versos, os que lhe prorrompem do altivo coração “Diante de um Quadro”, que é o do suplício do Cristo.

Dir-se-ia aprendida de Luís Delfino a envergadura aquilínea das metáforas.

Aqui tem Osório Duque-Estrada uma página dantesca nas estrofes 3.^a a 7.^a dos “Versos de um Suicida”.

Ao delicado espírito de Valentim Magalhães remeto a “Única Lembrança”, ou a “Indiferente” ou a lindíssima alegoria “O Ninho”; ao fino analista João Ribeiro, a original psicologia do soneto “A um Velho”.

Diga o conceituoso Artur Azevedo se não é primoroso o poema “A Vingança de Cambises”.

E o brilhante Raul Pompeia, poeta e pintor em prosa, contemple estas acabadas miniaturas – “À Beira-Mar”, “Um Pedaço de Céu”, “A Tempestade”.

E todos vós, os mimosos e os fortes, inebriai-vos com a vária música, ora plangente, ora colérica, do poema íntimo que forma a segunda parte do livro.



Agora nós, leitor anônimo, quem quer que sejas, obscuro e melhor amigo do poeta; deixa que eu vá contigo, a passo igual, percorrendo esta alameda embalsamada e harmoniosa, orlada de sombras trêmulas e falantes, sob uma cúpula de alta fronde varada a trechos por um olhar d’estrela...

“Única Lembrança” é também, no livro todo, o único vestígio de amor filial; esse mesmo é uma poética saudade, mais imaginosa que terna.

É assim esta insigne poetisa, nem há que levar-lho a mal: espírito forte, sem outra religião que a da arte, não espereis dela nenhum lânguido sentimentalismo. Uma vez apenas encontra-se o nome de Deus neste livro de mulher, e essa única vez é numa tradução; a própria ideia dele, se por acaso aparece, é para a verberação de “Diante de um Quadro”, ou para as lástimas desesperadas dos “Fragmentos do Livro de Jó”. Não verá sobre a natureza, como o torvo Leopardi, senão

il brutto

*Poete che, ascoso, a comune danno impera?*¹

1  O feio Poeta que, oculto, ao dano comum comanda? (Tradução de Vera Lúcia de Oliveira).

Não o diz, nem o diria, porque é uma alma forte, mas não violenta.

No entanto, quando chegarmos à segunda parte do livro, vereis de que profundo amor humano é capaz este coração sem fé religiosa.

Na “Ruína” encontra-se já o seu grande talento descritivo, e os seus ricos dotes artísticos – propriedade de epítetos, sobriedade de traço, colorido discreto, abundante vocabulário.

O soneto “Indiferente”, belíssimo pela unidade da composição, fecha admiravelmente com estes versos em que há uma extraordinária expressão de tédio e de desalento:

Deixo em descanso os fatigados remos
E que o barco da vida boie à toa.

“À Beira-Mar” é uma delicada marinha sobre porcelana.

Lembra os contos em verso de Gonçalves Crespo ou de François Coppée “A Vingança de Cambises”.

E “A Estátua” da Vênus feroz não é bem a figura da moderna Vênus, *Nana* ou *Sapho* (a de Daudet), lasciva, enleante, devoradora?

As três últimas estrofes do “Dilúvio” são das mais formosas do livro; resumem toda a poesia dele, dolorosa e artística, paisagem amortalhada na melancolia do nevoeiro, precioso cristal enturvado de lágrimas.

No soneto “Um Pedaco de Céu”, como em “À Beira-Mar”, na “Tempestade”, na “Tarde de Inverno”, na “Paisagem”, há encantadores efeitos de luz; só aos puros artistas concede a natureza a graça de tais revelações.

Tão bem acabada é a alegoria “O Ninho”, que por si só bastaria, como o “Vaso Quebrado” de Sully-Prudhomme, a sagrar uma reputação. Tão formosa, com tantas graças naturais, bom é que algum feitiçeiro das letras lhe esconjure o mau fado destas composições de fácil

beleza – a vulgarização excessiva, que tem para a música a forma do realejo e do assobio, e para os versos o furor da transcrição nos jornaizinhos de aldeia e a recitação melíflua dos trovadores fatais!

Para competir com este primor só se encontra no livro outro soneto – o da “Paisagem”, aquarela resendense, a mais perfeita de tantas páginas artísticas. A imagem do último soneto podia ser assinada por Castro Alves:

Descora a luz, descora... e do Levante
 Rolam da noite as ondas lutuosas,
 Espumando o brancor das nebulosas...

Com as oitavas “A uma Casa” fecha melancolicamente a primeira parte do livro, que, ainda com os traços negros que a enlutam, é a mais objetiva, mais vasta e mais alegre.

Penetremos agora, com o discreto passo de quem entra numa câmara mortuária, no angustioso poema sem título que forma a outra metade do volume.

Em vez da epígrafe de Rousseau, mais lhe quadrava est’outra daquele a quem Musset chamou “sombrio amante da Morte”, o grande lírico de Recanati, de cuja “poesia negra” há tanta sombra nestas páginas:

*O giorni orrendi
 In così verde etate!*²

Ou ainda:

*Incolume il desio, la speme estinta,
Secche le fonti del piàcer, le pene
Maggiori sempre, e non più dato il bene.*³

Milagroso poder do talento! O que tumultua e se agita nestes versos é o velho drama de cada alma que se arrasta pela terra: amor, saudade, esperança, desalento, ódio, desespero; e, no entanto, que ingênuamente meiguice há ainda nas carícias deste amor! ao ouvir-lhe a voz enamorada, tão blandiciosa e tão fresca, tem-se aquela deliciosa sensação de carinho que Théophile Gautier reproduz viva e palpitante:

*Tes tempes sentiront prés d'elles,
Avec des souffles de fraîcheur,
Une palpitation d'ailes
Dans un tourbillon de blancheur.*⁴

E que notas originais desfere ainda a paixão nesta alma virgem! Não é a cólera de Medeia, nem o desespero de Safo; é mais casta e ainda, por isso, mais triste: imagine-se a dor com que gemesse Graziela abandonada, ou Virgínia traída.

3  Intacto o desejo, a esperança extinta,
Secas as fontes do prazer, as penas
Sempre maiores, e sem mais ter o bem.
(Tradução de Vera Lúcia de Oliveira).

4  Tuas têmporas sentirão perto delas,
Junto às lufadas de frescura,
Uma palpação de asas
Num turbilhão de brancura. [N. do O.]

O tom geral é de negra amargura, atravessada por um ou outro, raro e frouxo, raio de sol, como os sonetos dos n.ºs VII e IX, ou suavizada por algum quadro de doce melancolia como os formosos alexandrinos do n.º X, o puro e meigo soneto do número seguinte, os gemidos de rola viúva do n.º XII.

Mais de quatro anos, se as datas são sinceras, dura a íntima agonia, e

Passam agora os merencórios dias
Pelos fios das lágrimas ligados

até que vem a maldição dos últimos cantos e o desprendimento, o ímpeto glorioso, a assunção triunfal da derradeira estrofe, em que a nobre alma, ave harmoniosa e malferida,

Rompe os ares, e vai, de surpresa aturdida,
Semimorta, de dor, e arfante de cansaço,
Em demanda de luz, de silêncio, e de espaço...



Agora vós, irmãs laureadas da poesia, que antes dela penetrastes no radioso templo, vinde recebê-la ao peristilo sagrado; acorrei todas, Narcisa Amália, Adelina Vieira, Maria Vilhena, Presciliana Duarte, Zalina Rolim, Ernestina Verella, Amélia de Oliveira, trazei-lhe o beijo fraterno e espargi-lhe sobre a cabeça pensativa as rosas da boa vinda.

Minas, março de 1892.

LÚCIO DE MENDONÇA

PRIMEIRA PARTE





Soledade

Poeta, dentro de ti, desmesurado e arcano,
Ou se cava, ou se empola, ou se espedaça o oceano
De tua alma, que exala um contínuo clamor,
– Brados de imprecações e soluços de dor!

Nele canta e suspira a lânguida sereia
Do Amor; a Mágoa geme; a Cólera estrondeia;
E a essas vozes se prende a dolorida voz
Da Saudade, chorando o que ficou após...

E em torno desse mar, que ulula, e chora, e guaia,
E que o vento revolve e a aresta dos escolhos
Rasga, do mundo vês a indiferente praia...

E acima dele vês a abóbada infinita
Do céu plácido e azul, onde o esplendor dos olhos
Das estrelas, sereno e distante, palpita...

Ruína

Ontem, ereta e altiva, a laranjeira,
 Que ora revejo, desatava a bela
 E tremulante e verde cabeleira,
 Que de flores Setembro adorna e estrela,
 Acalentando às sombras perfumadas
 Com doce embalo, músicos carinhos,
 Um bando azul de aspirações aladas
 Ainda presa ao calor dos ninhos.

Ontem sorria ao sol; tinha os perfumes
 Promissores de frutos saborosos;
 O indeciso bater de asas implumes,
 Que se abririam em audaciosos
 Voos, transpondo céleres a raia
 De largos, infinitos horizontes,
 Que, como um lago azul, se estende, e esmaia
 Além das curvas dos longínquos montes...

Mas veio a noite, e veio a tempestade:
 O chicote do ríspido nordeste
 Estala-lhe no tronco, sem piedade
 Dilacerando-lhe a opulenta veste!
 E ei-la em farrapos, trêmula, torcida...
 O clarão de um relâmpago se ateia,
 O raio estoura, a chuva desabrida
 Em torno dela em córregos serpeia...

.....

E agora que a manhã desperta, e rindo
Soabre o cortinado do Oriente,
E co' o rútilo olhar aclara o infindo
Azul do céu, macio e transparente,
Ela, nua, de pé, para os espaços
Brunidos pelas cóleras do vento,
Ainda eleva os retorcidos braços,
Em um gesto de súplice lamento!.

1887.

Indiferente

E vão assim as horas! – Vão fugindo
Um após outro os dias voadores,
Ao túmulo do olvido conduzindo
As alegrias como os dissabores,

O sonho agita as asas multicores,
E vai-se e vai-se rápido sumindo,
Enquanto a vaga quérula das dores
Soluça, e rola pelo espaço infindo...

A mim, porém a mim, a mim que importa,
A mim, cuja esperança há muito é morta,
Que o tempo, como um rio que se escoia,

Nos arrebate as ilusões que temos?!
– Deixo em descanso os fatigados remos,
E que o barco da vida boie à toa.

1887.

À Beira-Mar

(A ALBERTINA SOARES)

Fremindo, a viração, que o roseiral perfuma,
Impele lentamente as águas, que, de írosas,
Rugem crespas, e vêm, em ondas tumultuosas,
Desfazer-se na praia em rendilhada espuma.

Ao longe, muito ao longe, as garças voam. Uma,
Vendo no azul do Ocaso as púrpuras e as rosas,
Abre no espaço imenso as asas ansiosas...
Outras pousam na vaga a frouxa e nívea pluma.

A lua surge branca e mesta, enquanto as fráguas
Tinge, e brilha no azul chamalote das águas
O trêmulo clarão do sol crepuscular...

Um espasmo contorce a natureza... O dia
Expira: a lua sobe: e à flor da areia fria
Rolam ondas de prata e ondas de luar...

1887.

A Vingança de Cambises

“Disseram – diz o rei a Prexaspes – que o vinho
“Sobe presto à cabeça em denso torvelinho
“De vapores, e a febre, o delírio produz,
“Que irradiam no olhar uma sinistra luz,
“Ou, pouco a pouco, pelo organismo se entorna,
“Qual onda de torpor, voluptuosa e morna?
“Disseram; e tu tens a ousadia de vir
“Em face de teu rei palavras repetir
“De estultos, e afirmar que o vinho afrouxa braços
“Que fazem, como os meus, os reinos em pedaços?
“Ao contrário; verás; (e bêbedo entesou
“No arco a flecha) porém é preciso que aponte
“Um alvo: – o coração de teu filho.”

E atirou,

Da criança, que nele o doce olhar fitava,
– Olhar que o etéreo azul do infinito espelhava,
Varando lado a lado o peito e o coração.

E o pai disse, curvando humildemente a fronte:

“– Nem de Apolo é mais firme e mais certa a mão.”

1888.

A Estátua

(PARÁFRASE)

Maravilhosamente bela, a grega
Vênus: de pé, o corpo nu surgindo
Da túnica, que a mão sustenta, e chega
À anca, num gesto gracioso e lindo.

E, se a vista se eleva, então surpresa
Para perante o rosto que ela inclina,
E admira dessa esplêndida beleza
A expressão diabólica e tigrina

E estranho sentimento nos tortura,
– Misto de dor, de cólera e piedade,
Ao ver-lhe na divina formosura
Impresso o cunho da ferocidade.

1890.

O Ninho

Lembro-me ainda: foi numa gravura
Que vi de uma ave a prole pequenita,
Em roto ninho, que lançou da altura
O vento, a resvalar na crespa fita

De um rio. E a mãe a vê, e corre, e fita
Espavorida as águas; a amargura
Lhe estala o coração; por sobre a escura
Corrente paira e se retorce aflita,

Enquanto a onda indiferente desce,
Assim como impassível à demência
Das lágrimas, dos gritos e da prece,

Da vida o rio o ninho perfumoso
Das castas ilusões da adolescência
No arrebatada e leva pressuroso.

1887.

Via Dolorosa

Alma, galgando vais o teu Calvário abrupto,
Em farrapos, em sangue, em lágrimas, em luto,
Por fragas arrastando, em convulsões de dor,
O lenho, que te verga ao peso esmagador.

Ruge em torno de ti a tempestade; o açoite
Do vento dilacera a cortina da noite.
Como um túrbido mar, roto pelo escarcéu,
Vês na altura rolar o proceloso céu,
E em baixo, à proporção que no espaço te elevas
Subir, rente a teus pés, um dilúvio de trevas,
Que a esperança afogou, e afogará até
A dor no turbilhão da crescente maré...

Mais um passo, e verás desse abrupto Calvário
No tope, em que branqueja um anônimo ossário,
Entre o olvido e o silêncio, o madeiro se erguer,
Onde vais, para sempre, exânime, pender...

Única Lembrança

(À MEMORIA DE MINHA MÃE)

Recordo-me de tê-la visto um dia,
De pé, no quadro azul de uma janela
Rasgada sobre a radiosa tela
Do horizonte, onde os olhos embebia...

Uma expressão benevolente ungia
Os seus lábios, e, assim como se aquela
Frente de um anjo fosse, em torno dela
O sol um largo resplendor abria.

Foi momentânea, porém foi tão viva
A visão desse vulto angelical,
Que a distância a colore, o tempo a aviva,

E abre-se-me da vida no areal
De solidude cálida e aflitiva
Como um refrigerante palmeiral.

1888.

Judas

Tenho pena de ti, miserável precito,
Que te precipitaste ao vórtice do mal
Para cumprir somente o que haviam prescrito.

Nem um sonho sequer te serviu de fanal
No inquieto e turvo mar da vária inconsciência
Em que boiaste até o momento final.

Da cupidez ao crime, e do crime à demência
O destino cruel, com fúria, te impeliu,
Num ímpeto feroz de uma bruta potência.

Quando a fatalidade os abismos abriu
A teus pés, a tua alma irresistente, neles
Arremessada, como uma pedra, afundiu.

Tenho pena de ti, infeliz! Mas aqueles
Que nos deram na face o ósculo traidor,
E, c'um impulso só de seus braços imbeles,

Fizeram desabar, com medonho fragor,
O delubro ideal das crenças, e da morte
Nos forçam os umbrais lentamente a transpor,

Seriam, como tu, condenados da sorte
À vileza, à vergonha, e, como tu, serão
Nas maretas da vida uma tábua sem norte?

Merecem, como tu, a piedade e o perdão?

1887.

Desencanto

A alma me disse: –“Quero, sacudida
De inspiração nas asas, me elevar
Do tenebroso pélago da vida
Às profundezas do celeste mar,

Onde resplende a vaga azul, batida
De sol, e a Via láctea, a flamejar,
Entorna sobre a vaga enegrecida
As contas luminosas do colar.”

Quando desceu: –“Os céus a que subiste
De oiro e de azul em realidade são?
(Interroguei-a) Fala: o que é que viste

Ao fundo dessa rútila amplidão?”
–“Da treva apenas vi, surpresa e triste,
O ilimitado e lúgubre golfão...”

Só

Sobre o Ocaso, que a luz, refrangindo¹, avermelha,
Correm rapidamente as nuvens; fustigadas
Pelo açoite febril das agudas rajadas,
Que as enovela no ar e no ar as esguedelha!

E Vésper tremeluz, como branca centelha,
De momento a momento; e, quais brutas manadas,
Se atropelam, bramindo, as maretas iradas
Em torno do baixel em que minha alma ajoelha.

Ó estrela do amor, à porta rutilante
Do Ocaso para, opondo o resplendente olhar
À noite, que salteia o meu baixel errante!

Mas somes-te... e eis-me só... os abismos do mar
Tendo aos pés, e ao redor o vento sibilante,
E por sobre a cabeça o trovão a estourar...

1888.

Suprema Dor

I

Sob o golpe cruel, que não escolhe,
Bárbara, a morte muita vez a vida
De uma pessoa que adoramos colhe.

E a alma sentimos, de terror ferida,
Por circular e gélida muralha
De tenebras de súbito cingida

Mas pouco a pouco a sombra se descoalha
E rarefaz-se toda, ver deixando
Do firmamento a cérula toalha,

Donde um arcanjo, as asas desdobrando,
Desce num voo rápido... Ó saudade,
És tu que desces do alto, transmutando

A treva em radiosa claridade,
Na flor azul e mística do sonho
O curvo espinho da realidade!

O nimbo espesso, elétrico e medonho
Do sofrimento se dissolve em pranto,
Quando, num gesto plácido e tristonho,

Colhes as fibras do teu largo manto,
Às dores o consolador abrigo
Do teu regaço oferecendo; e, enquanto

As dores adormeces, do jazigo
Fazes surgir o morto que adoramos,
Em cujas fronte pálida, contigo,

Em sonho, os lábios úmidos roçamos...

II

Mas, quando de improviso nos salteias,
Ó traição, ó víbora assassina,
E o nosso incauto coração golpeias,

Tua verde peçonha viperina
O deteriora, ao sangue se mistura,
Percorre o corpo e o espírito alucina.

Pedido em meio de uma noite escura,
O sofrimento, da razão liberto,
Explose no delírio da loucura.

E ao desvairado e espavorido e incerto
Olhar, em qualquer parte a que o volvamos,
Sombrio quadro se apresenta aberto:

– No passado, se vê-lo procuramos,
Vemos a treda face condenada
Substituir a face que adoramos:

O presente é uma vaga enovelada
Pelo ríspido sopro da desdita,
Pelos escolhos do sofrer rasgada:

O futuro, uma estática e infinita
Solitude, por onde uma só fonte
Não desenrola a prateada fita;

Onde não há vegetação que aponte
À flor do solo adusto, nem miragem
Que nos ria da curva do horizonte

Acenando de longe co'a ramagem
De verdejante e música palmeira
Acarinhada por macia aragem...

Somente um mar de cálida poeira,
Que, sem barulho e agitação, espraia
As brancas ondas do infinito à beira,

Sob a inflamada cúpula sem raia...

Diante de um Quadro

Vendo o espaço cobrir essa treva, que a História
Diz que a cena cruel do Calvário envolveu,
E de que se destaca a alvura merencória
Do teu belo perfil, ó mísero Judeu!

Vendo da tua face a placidez marmórea
De morte sob o triste e misterioso véu,
E a coroa pungente, acerba e derrisória,
Sob o peso da qual tua fronte pendeu...

Lembro-me, a meu pesar, das folhas da Escritura,
Como de alguma noite imensamente escura,
Rasgada pela luz de um sinistro clarão...

Vejo-te, o olhar aceso em um ódio profundo,
O braço alevantar, colérico e iracundo,
Em um gesto de império e de verberação.

1888.

Um Pedaco de Céu

(A JULIA DE MENDONÇA)

O horizonte rasgado; a serra escura
Esbate-se nas flamas; a janela
Abre-se em amplo quadro que emoldura
Essa soberba e luminosa tela.

A nuvem, que arde ao sol, se transfigura,
E ao longe, em largas cintas, a amarela
Luz do Ocaso se encontra, e brune a bela
Curva ideal da célica planura...

Vão descrevendo sinuosas linhas
Na luz, que cortam, leves andorinhas,
Apressuradas e a sumir-se em bando

No azul do céu, que súbito esmorece,
Enquanto Vênus, trêmula, aparece,
A violácea curva ponteando...

1887.

Anfitrite

(SOBRE UMA PÁGINA DE FÉNELON)

Tinta a escama de azul e de oiro, solevando
Em seus brincos a vaga espúmea, pelo bando
Dos alegres tritões, que os búzios retorcidos
Sopram, enchendo o ar de músicos ruídos,
Acompanhados, vão os ligeiros golfinhos
Seguindo de Anfitrite o carro, que marinhos
Corcéis, – que têm na cor cetinosa do pelo
A brancura da neve e o polido do gelo,
O olhar esbraseado, a boca fumegante, –
Levam, abrindo a onda, em rota triunfante,
Deixando após, no mar tranquilo e bonançoso,
Como um rastro de luz, um sulco luminoso...

A concha de marfim, de admirável feitura,
Em que se assenta a deusa, esplêndida fulgura,
E parece voar, com as rodas doiradas,
À superfície azul das ondas acalmadas,
Seguida de um tropel de ninfas, a que o vento
Desenrola na espalda o cabelo opulento.
Ela tem a serena e fria majestade
Que afrouxa o vendaval e afrouxa a tempestade.
E, enquanto, com uma mão, empunha o cetro de oiro,

Co'a outra, sobre o joelho ampara o filho, o loiro
E tenro Palemon, de seu seio pendente.
Como um pálio, no azul se destaca, fremente,
A púrpura de um véu, que sobre o carro esplende,
E que o brando soprar dos zéfiros suspende.
Vê-se Éolo no ar, com o aspecto severo,
O semblante enrugado, o olhar sombrio e austero,
Retendo os aquilões, e rápido afastando
Para longe de si as nuvens... Transformando
A lisura do mar em praios ondeantes
Ao crebro palpitar das narinas aflantes,
Emergem prontamente os monstros da voragem,
Para verem da deusa a brilhante passagem.

1887.

A um Velho

Pomba de amor, sua afeição primeira,
Seu delicado e perfumoso ninho,
Tecido pelos fios do carinho,
Predeu à tua rama traiçoeira.

Se abria em flor, esplêndido e daninho,
O galho, onde ela, cândida e fagueira,
Pousou, dilacerando a feiticeira
Asa em oculto e recurvado espinho.

Hoje a invernia ríspida da idade,
Abatendo-te o orgulho e a feridade,
Mostra quão fraco e miserando és tu.

Pomba de amor, ela inda estende as asas,
Como uns farrapos trêmulos de gazas,
Para te agasalhar o tronco nu.

1887.

Tarde de Inverno

(A CARLOTA CORTINES)

Sob o curvo cristal da imensidade
De um céu de transparência etérea e fria,
Em que do posto sol a claridade,
Azul e melancólica, radia,

Vemos o bosque, o rio, a amenidade
Das sombras, a ondulada pradaria,
Como um painel de estranha suavidade
E encantadora e rústica poesia.

Olha como o formoso fruto loiro
Salpica de pequenos pontos de oiro
Aquele verdejante laranjeira!

E além, além, do céu no alaranjado
Fundo se esbate e avulta o recortado
E sombrio perfil da cordilheira...

1886.

Fragmentos do Livro de Jó

.....
E agora à cinza e a pó reduzido me vejo.
Passaram, como sombra, a saúde e o desejo.

Em meio de aflições insofríveis, a minha
Alma, dentro de mim, enlanguesce e definha.

Um tédio corruptor, que as energias gasta,
Me invade, e a pouco e pouco o espírito devasta.

Ergo a ti minha voz! ergo-a a ti! e os ouvidos
Cerras, sem piedade, a meus tristes gemidos.

Tua mão, que protege e que sustenta e afaga,
Me sacode e despenha e dilacera e esmaga.

Nada do que esperei: em vez de luzes – trevas,
Males em vez de bens... A que abismo me levas?...

Roxa, a pele, a secar, sobre os ossos se cola
De meu corpo, que a crua enfermidade assola...

E atravessam-me a lira, em dorido concento,
Os soluços da dor e as vozes do lamento...

.....
1887.

A Tempestade

Negro bulcão, acumulado a custo
Rola com seco e trêmulo ruído,
Enquanto uma ave, que acelera o susto,
Rompe os ares num voo distendido.

No tronco ereto, sólido, robusto,
O látigo do vento, sacudido
Com força, estala, e o verga enfurecido;
E torce e quebra o delicado arbusto.

Convulso espanto a natureza envolve.
O adensado vapor, que se dissolve
Em grossas gotas, que caindo vão,

Cerra a toalha líquida e confusa...
Ruivo corisco, que a recorta e cruza,
Abre no espaço um vívido clarão...

1888.

Prometeu

No dorso áspero e atroz da Caucásia montanha
Se estorce Prometeu numa agonia estranha,
Sentido renascer, sangrento e palpitante,
Sob o bico roaz do abutre devorante,
O fígado, e oprimir-lhe a dolorida fronte
A infinita amplidão do infinito horizonte,
Que vê sempre perante a sua angústia rude
Repleta de silêncio e frio e solidude,
Sem que lhe tolde e turve uma sombra as serenas
Linhas, calma, cruel, impassível... Apenas
Sob essa tenda azul e frígida do espaço,
De um reflexo alvacento e rutilante de aço,
À tibia luz do sol, nas alturas supernas
Fulgem, como o cristal, frias neves eternas...

E da vida real num píncaro isolado,
Quantos, quantos, também, não sentiram rasgado
O altivo coração pela garra do abutre
Insaciável da dor, que de sangue se nutre,
Vendo em torno de si abrir-se a imensidade
Que o frio e mudo horror da solidão invade,
Por terem – Prometeus de uma triste aventura –
Num momento de amor, de transporte e loucura,
Querido aviventar com a viva cintila
Do ideal uma estátua amassada de argila?...

1887.

Um Retrato

(A LAURA CORTINES)

É alta e esbelta, pálida e franzina,
De grandes olhos cheios de tristeza;
Coroa-lhe a cabeça altiva, presa
Em farta trança, a cabeleira fina.

Não tem a formosura que fascina,
Nem as linhas corretas da beleza,
E é preciso que diga com franqueza:
Falta-lhe ainda a graça feminina.

No trato é fria, e às vezes descuidosa;
Detesta o baile e as valsas doudejantes;
Gosta de versos e também de prosa.

Poderia ajuntar mais um defeito...
Mas suponho que os traços são bastantes,
– Dou-te, pois, o retrato como feito.

1887.

Versos de um Suicida

Para que serve a luta pela vida,
Para que serve essa peleja inglória,
Se trazemos a frente dolorida
Sob os louros sangrentos da vitória?

Se o espaço é um brônzeo círculo oprimente,
E do tempo arrastamos as cadeias
Entre agudos sarçais, inutilmente,
E movediços cômoros de areias?

Se as flamas radiosas dos talentos
Só iluminam cárceres de dores,
Donde das Mágoas erguem-se os lamentos,
E dos Ódios, os rábidos clamores?

Onde a Dúvida anseia; o Desvario
Geme; o Desejo a Tântalo semelha;
O Pranto desenrola o quente fio;
A Raiva impreca; a Súplica ajoelha?

Se a Traição, que se rebuça e adorna,
Assalta, como a víbora secreta,
O nosso coração, e nele entorna
Todo o veneno de que está repleta?

Se a Esperança, que além das permitidas
 Alturas leva o seu voar insano,
 Tomba, por fim, como Ícaro, fundidas
 As asas pelo sol do desengano,

Que a vida assola, que lhe dá o aspecto
 De lúgubre e aflitiva soledade,
 Todas as flores desfolhando, exceto
 A flor da melancólica saudade!

Melancólica flor! Tanto germina
 Na estreita fenda de uma rocha ingrata,
 Como sobre a tristíssima ruína
 As suas roxas pétalas desata!

Vale a pena morrer: fugir do mundo
 Às trilhas de selvática aspereza,
 E mergulhar de novo no profundo
 Abismo da profunda natureza.

Que, se a Morte não pode a humana essência
 Erguer, voando, à abobada sidérea,
 Ao menos nos dará a inconsciência
 E o repouso no seio da Matéria.

1887.

Dor Eterna

O tempo – dizem – apaga
O prazer e o sofrimento
Sobre eles rolando a vaga
Sombria do esquecimento.

E transforma encantadores
Sítios, que tu, Abril, vestes
De uma gaze de esplendores,
Em sítios feios e agrestes.

E faz germinar nas águas,
Que bebe a gandra bravia,
O lírio, como das mágoas
Brotou a flor da alegria.

E, no entretanto, contemplo,
Extática e dolorosa,
Entre os escombros de um templo
Desmoronado, caída

A ara ebúrnea, de que há tanto
Despenhou-se a idolatrada
Imagem, que vejo, em pranto,
De lodo vil salpicada...

Por isso, pungida à aguda
Pena, que o olvido não calma,
Diz à revolta, sanhuda
Onda do tempo a minha alma:

“– Rola tímida ou desfeita.
Que importa? – Como os granitos,
Conservo, pedaços feita,
Os caracteres inscritos.”

1888.

A Violeta

Um dia, à viva luz dos resplendores
De brilhante arrebol,
Desci a meu jardim a ver as flores
Beijadas pelo sol.

Olhei: abria a nacarada rosa
As pét'las de cetim,
E reclinava a fronte langorosa
O pálido jasmim.

Além, oculta, a cândida violeta
Parecia fugir
À brisa voluptuosa, louca, inquieta,
Que perpassa a sorrir.

Quando a rosa rolar no pó sem vida,
Crestada e sem olor,
Feliz, não penderás enlanguescida,
Mimosa e casta flor.

1886.

A Magnólia

Aberta, sobre a jarra cinzelada,
Que as verdes folhas prende,
Se dobra enlanguescida, e a magoada
E mesta fronte pende.

Não tem a alvura nítida do lírio,
Nem as tintas da rosa,
Nem a suave palidez do círio
Sua polpa mimosa.

Mas há nas brancas pétalas sem vida
O congelado choro
Que, como fria lágrima retida,
Reflete o brilho do ouro...

E o seu aroma cândido se exala...
Se o aspiro e me debruço
Sobre ela, sinto rápido agitá-la
Um trêmulo soluço...

1886.

Cançonetas

(METASTASIO)

Supus vizinha a praia,
O vento calmo e brando,
E ainda às tontas ando
Em meio do fragor.
Vejo um escolho; busco
Salvar-me: atento olho,
E esbarro noutro escolho
Muitíssimo pior.

Num mar encapelado
Sou qual mísero náufrago
Que luta e que é forçado
Co'a morte a contrastar.
Ora uma tábua, ora
Perde uma estrela; agora
Perde a esperança ainda,
E se abandona ao mar.

1886.

Finis

Ouço um surdo, abafado e discorde ruído,
 Logo após um fragor que pelos ares trona.
 Qual se dum terremoto o solo sacudido
 Fosse, em torno de mim tudo se desmorona.

O que é feito de vós, altivos monumentos,
 Que afrontáveis do tempo os inúteis furores,
 Mergulhando no azul dos largos firmamentos,
 Mergulhando dos céus nos vivos resplendores?!

A asa aberta do sonho, em convulsa ansiedade,
 O abrigo busca em vão, que se lhe oferecia
 Outrora, se a lufada aguda da verdade
 Bruscamente a seu lado as asas distendia.

O mundo está deserto e a natureza morta!
 E é debalde que estendo avidamente os braços:
 Tudo aquilo que nos alimenta e conforta
 Abateu, e rolou pelo solo em pedaços...

E nunca brotará dessa informe ruína,
 Clara, a fonte de fé, que se desliza mansa,
 Nem a flor brotará da quimera divina,
 Nem a palma sonora e verde da esperança!

De súbito calou-se a voz imperiosa
Que me incitava à luta e me dizia: – “Avante!
Após a negridão da noite procelosa
É que o dia é mais claro e o sol é mais brilhante!”

O alvo, que resumiu para mim o universo,
O alvo, a que convergia a minha vida inteira,
Se desfez, e voou pelos ares, disperso
Em átomos de areia, e de cinza, e poeira.

E, em derredor, a muda amplitude dum ermo
Exâmine se abriu sob um céu de granito...
E nada em baixo, à flor da planície sem termo,
E nada em cima, à flor do horizonte infinito...

Adesso e Sempre

Que importa que o simum da realidade
Dilacerasse nos rodomoinhos
O verde e áureo painel, que da verdade
Vi no final dos ásperos caminhos,

Transmudando-o na vácuca imensidade
De desertos combustos e maninhos,
Onde, batendo as asas, a saudade
Procura a sombra de desfeitos ninhos?

Se tu, sereno o olhar, negro e rasgado,
A um brando riso o lábio descerrado,
De pé ficaste no revoltado chão?

De pé ficaste em plácida postura,
Perpetuamente alevantada e pura,
Minha primeira e última ilusão?

Destino

(TH. GAUTIER)

Vê como a vida é feita! e como o andar do mundo
Nos lança cegamente em caminho diverso!
Qual maldito Judeu, um, por todo o universo,
Arrasta sem repouso o curso vagabundo;

Outro tem, como Fausto, um fado bem inverso:
Persegue da poltrona, olhando o azul profundo,
Sonho amargo e cruel, e, em seu pesar imerso,
Deixa a sonda medir-lhe a voragem sem fundo...

E, entanto, o que vagueia a sós tinha nascido
Para quieta existência: era a família, o lar,
O seu voto; mas Deus não o quis coroar.

O outro, cujo horizonte apenas a largura
Tem da estreita janela, é o triste foragido.
E ambos passam assim ao lado da ventura.

1886.

Ilusões

Parte-se alegre, e forte, e cheio de coragem.
A ventura? – Ei-la ali, acenando-nos perto! –
Um passo afouto dá-se, e a vaporosa imagem
Se esvai subitamente... e, de súbito aberto

A nosso olhar surpreso, um hórrido deserto
Se amplia; mas a sombra, as flores, a ramagem,
Ei-las de novo além – a pérfida miragem
Que nos seduz, e atrai, e alenta o passo incerto.

Depois a sede vem, o lábio seca, o ardente
Olhar percorre ansioso os áridos espaços,
Onde brilha e fulgura um sol incandescente...

E da frente poreja o suor da agonia,
E estendemos de balde os doloridos braços,
Procurando prender a sombra fugidia...

1886.

Dilúvio

Esbarrando de encontro à costa de granito,
E transpondo-a de um salto, o mar da desventura,
Gemendo, se esprou no seio da planura,
E de novo se ergueu a raivar, e, num grito,
Da montanha galgou o remate da altura.

E vi sobre a floresta, há pouco iluminada,
Das minhas ilusões, chilreando de ninhos,
Das aragens fremindo aos trépidos carinhos,
Desdobrar-se o lençol da mareta encrespada
E ferverem da espuma os alvos torvelinhos.

O templo vi, em que da minha juventude
A deidade erigi num altar de poesia,
Em que, num mudo enlevo, erguendo a Idolatria
Os olhos ajoelhou em mística atitude,
Oscilar, e aluir na vaga que subia

Revolta, submergindo a formosa cidade
Dos meus sonhos: jardins estrelados de flores,
Praças e torreões, colunas e lavores,
Bandeiras desfraldando ao vento e à claridade
Rutilante do dia as pregas multicores.

E entre o espesso, e cerrado, e escuro firmamento, –
 Onde a água jorra e cai, desabrida e sonora,
 E que um rubro clarão às súbitas colora, –
 E o mar, que, ao flanco tendo o acicate do vento,
 A cidade, e a planície, e a montanha devora,

Boiou sem direção o meu barco sem vela.
 Logo as asas soltando à pomba da esperança,
 Digo: – “Voa, e procura uma tranqüila frança
 Que te possa abrigar, longe desse procela,
 Entre um raio de sol e um íris de bonança.”

Ela, o espaço cortando em largo voo aberto,
 Os olhos mergulhou no horizonte... nem uma
 Palma aponta, nem um outeiro se avoluma
 Na infinita amplidão do líquido deserto,
 Sobre o limbo alvacentos e sinistro da espuma...

Estonteada, então, por súbita vertigem,
 Na asa, que o vento torce, e que a chuva esmorece,
 A equilibrar-se a custo, a pouco e pouco desce
 Por entre o aquoso véu de túrbida caligem
 À flor do remoinho, em que desaparece...

1890.

Asas

Asas brancas, que à luz das roxas madrugada
Torvelinhais no azul em doidas revoadas,
Asas fulvas, num voo espalmado subindo
Ao cálido esplendor do firmamento infindo,
Asas negras, da noite agitada e bravia
Batidas pela chuva e pela ventania,
Debalde vos procura o meu olhar! Que rumo
Levastes, asas de oiro e de arminho e de fumo,
Que vos não vejo mais, a vibrar, como outrora,
Pelo céu de minha alma, abandonado agora?!...

Díálogo

A RAZÃO

Transforma-te. Bem vês: nada há que seja eterno:
 Fulge o verão e vai-se, e vem após o inverno,
 Após a chuva, o sol abre um fulvo esplendor,
 E se o riso gorjeia é que dormita a dor.

O CORAÇÃO

Não sei se, porventura, essa lei o Universo
 Abrange, e a tudo o que há dentro dele disperso:
 A humanidade, a flor, a estrela; se à pressão
 Tudo cede, afinal, de sua bruta mão;
 Se em tudo, cedo ou tarde, uma mudança opera.
 Sei que feito não fui da brandura da cera,
 Mas da tenacidade ativa dos metais,
 Que afrontam livremente os sóis e os temporais.

A RAZÃO

Esquece. A flama ideal de todo o sentimento,
 Quer seja brando e terno, ou sublime e violento,
 Brilha, treme e se esvai... Pode, acaso, um olhar,
 Sem fadiga e langor, sempre um ponto fitar?

O CORAÇÃO

Que importa? Dês que em mim, ao golpe inopinado,
Como um leito de rio às súbitas cavado,
O sulco largo e fundo a desventura abriu,
Onde o rio do pranto, em torrentes, fluiu,
Uma treva mais densa ainda do que a treva
Que, em paredes de bronze, a escura noite eleva,
Sobre mim se fechou como um sepulcro, e a não
Iluminou sequer instantâneo clarão.

A RAZÃO

Perdoa, que o perdão, qual fresco orvalho, rora
A alma que o incêndio atroz das cóleras devora,
E de perfumes unge, e bálsamos, e mel,
O lábio, onde fervia o amarulento fel.

O CORAÇÃO

Perdoem – de si próprio um lembrando a fraqueza,
Outro, já que o não fere e revolta a baixeza –
Aquele que mentiu às promessas, que à flor
Do seu lábio fazia arrebentar o amor,
E aquele, em cujo ser adormentado e vago
Roça leve a emoção, como a brisa num lago.
Não menti, e hei sofrido asperamente; assim,
Essa palavra não tem valor para mim.

Paisagem

(A NARCISA AMÁLIA)

Na fulva luz crepuscular da raia
Do horizonte, onde avulta a cordilheira,
Imerge a crista azul e sobranceira,
Em ríspida ereção, o Itatiaia.

O Paraíba, rútilo, se espraia,
Desenrolando a serpentina esteira,
Que, arrufada à carícia da ligeira
Asa da brisa, marulhosa guaia...

Vésper pontilha o espaço fulgurante,
Se apaga e reacende, e enfim persiste
Trêmula e branca, solitária e triste...

Descora a luz, descora... e do Levante
Rolam da noite as ondas lutuosas,
Espumando o branco das nebulosas...

1890.

A si Mesmo

(G. LEOPARDI)

Vais repousar pra sempre, ó meu cansado
E triste coração!
Supus eterna, e, no entretanto, é morta
Minha extrema ilusão.
É morta. Sinto bem
Que não só de quimeras a esperança
Está, dentro de nós, extinta, como
O desejo também.
Repousa para sempre. Palpitaste
Bastante. Nada val
O teu afã, nem de suspiro é digna
A terra. Nela o mal
Impera, e não tem fim.
É tédio apenas e amargura a vida,
E o mundo em que vivemos, lodo apenas.
Acalma-te, por fim.
À nossa raça miseranda o fado
Um dom único fez:
O dom da morte. Desespera agora
Pela última vez.
Contigo envolve num
Igual desprezo a natureza toda,
E a lei oculta e bárbara que rege
A miséria comum.

A uma Casa

Ficas aí, oculta entre verdores,
 Como ao ocultos e desfeitos ninhos,
 Que não lembram os místicos rumores
 Dos arrulhos, dos trilos, dos carinhos,
 E nunca revelaram os terrores
 Das horas em que foram, ao troar
 Da tempestade, os tontos passarinhos
 Num turbilhão levados pelo ar!

Ficas aí... e um súbito desgosto
 Aviva-me o sofrer adormecido,
 E, orvalhado de lágrimas, o rosto
 Volvo a mirar o espaço percorrido,
 Em que diviso um curto trecho, exposto
 À luz de um dia fulgurante, e só
 Em torno desse oásis florescido
 Revoltas ondas de abrasado pó!...

Ficas, e a mesma rutilante e bela
 Ilusão, que a profunda soledade
 Iluminou-te, – qual cadente estrela
 Irradiando viva claridade
 Enquanto, presa à tenebrosa umbela
 Da noite, em alto páramo reluz, –
 Desce, e, ao tocar a ríspida verdade,
 Morre, desfeita em lágrimas de luz!...

Ficas, e eu parto, e foge-te a festiva
Asa do sonho que abrigaste ao teto!
Vai-se a quimera resplendente e viva
Que coloriu-te o merencório aspecto!
Ah! por minha alma passa a convulsiva
E última e dolente vibração!...
Trouxa pra ti o coração repleto,
Levo de ti vazio o coração.

1888.

*Tout n'est qu'illusion dans l'amour
Je l'avoue; mais ce qui est réel, ce sont
Les sentiments dont il nous anime...²*

J.J. ROUSSEAU. — *Emile*.

2  Tudo é ilusão no amor

Eu o confesso; mas o que é real são

Os sentimentos que ele nos inspira... [N. do O.]

SEGUNDA PARTE





I

Entrei. Era silenciosa e quente
A sala; o cravo rúbido se abria
Na jarra; e um anjo plácido sorria
Sob o cristal de um quadro transparente.

E, como a flor que se enervando havia
Naquele triste e cálido ambiente,
Espalhava-se um quê de rubro e ardente,
E de suave a lânguida poesia.

Uma criança trêfega falava,
Quando senti que alguém se aproximava;
Sem mesmo erguer o olhar e sem sorrir,

Lhe dei a mão com tímido receio...
Mão que apertou de leve, e que me veio
Sobre o regaço, trêmula, cair.

Julho.

II

Sombrio o quarto, e cálido e deserto...
Na cetinosa folha perfumada
Do nosso livro, sobre a mesa aberto,
A luz se esbate doce e magoadá.

Ele, que viu a minha frente perto
De tua branca face, reclinada
Sobre o teu ombro, – o olhar volver-se incerto
Dos lábios teus à estrofe recitada;

Recorda, então, os dias breves, ledos,
Do nosso amor. A pena dos teus dedos
Chora a doce pressão em ansiedade.

Se com o olhar angustioso meço
Tudo o que vejo, vejo em tudo impresso
O selo merencório da saudade.

Janeiro.

III

Aproximo-me triste. O meu cavalo,
O ar da madrugada respirando,
Inquieto e ardente espera; pra domá-lo
Alcanço a sela, as rédeas apertando.

O nevoeiro pálido esgarçando
O sol, o campo rociado, o valo
Extenso, nada, a meu olhar brilhando,
Pode de ignotas sombras afastá-lo.

É que só volto à casa que deixamos
Juntos e alegres. Fito os mesmos ramos,
A mesma estrada, que seguimos, sigo.

Mas, como então, não vejo a aurora d'oiro
Em tua fronte juvenil, e o loiro
Brilho do sol em teu olhar amigo.

Fevereiro.

IV

Com triste olhar seguindo
Os pássaros, que em bando
Lá voam para o azul da montanha fronteira
Envolta na doirada e lúcida poeira,
Que foge, à proporção que o sol vai recuando
E a sombra vai subindo;

Penso no amor infindo
Que me prendeu ao brando
Raio do teu olhar; e minha alma de poeta
Deixa a sombra que a cerca, e voa, ansiosa e inquieta,
A buscar essa luz... E a luz vai recuando...
E a sombra vai subindo...

Abril.

V

Do mês de Maio a luz do sol mais brando
Desce do espaço em leves frocos de ouro,
E, pelos frios ares ondulando,
Envolve a mata e espelha o sorvedouro.

Se enrola o raio aveludado e louro
Pelos ramos, aos quais, se aproximando
As horas do crepúsculo, cantando
Voltam as aves em alegre coro.

Mas nem sequer eu na janela assomo.
Só vejo a natureza morta, como
Uma sombria e desolada estepe.

É que longe de mim está: sem vê-lo,
Trago a minha alma sepultada em gelo,
Trago o meu coração envolto em crepe.

Maio.

VI

Vejo, olhando o marfim baço da pena,
– Mais baço sobre o ébano da mesa,
Tingi-lo a palidez doce e serena
De suave e nostálgica tristeza;

Mas, através da mórbida frieza
Dessa brancura esmaecida e amena,
Fulgir a quente lágrima represa
Da dor cruel que a morde e que a envenena.

Só eu entendo o seu pesar. Oculta
Trago também a minha dor, que avulta,
E que o seio me rasga a golpes tredos.

Cruel saudade nos confunde o pranto:
Eu cismo em seu olhar profundo, enquanto
Ela chora as carícias dos seus dedos.

Julho.

VII

Pelas urzes cruéis dilaceradas
As plantas, inda arfando de cansaço,
Paro, e miro de longe o largo espaço
E as curvas do horizonte iluminadas...

O alvacento luzir das madrugadas
Brilha, rasgando o nevoeiro baço
Que me velava o sol; sob o meu passo
Já se entrelaçam floridas latadas.

Se quando o teu olhar longe se lança
Me deixa imerso o coração na luz
Crepuscular e tibia da esperança,

Voltando, a fronte pálida me afaga,
E, como um astro santo, me conduz
À desejada e bonançosa plaga.

Novembro.

VIII

Como é doce seguir o teu rastro, ó saudade,
 Se equilibras no azul, à branda claridade
 De um sonhado luar, as tuas asas mansas
 Doiradas pela luz das nossas esperanças,
 E levas para longe o teu voo, a um passado
 De sorrisos e amor e sonhos estrelado,
 Onde vemos alguém, que sobre nós derrama
 Do seu profundo olhar a cariciosa chama,
 Fazendo rebentar das nossas fundas dores
 Da crença e da alegria as perfumosas flores;
 Olhar que tem do sol o claro brilho intenso,
 E faz cismar no azul, no grandioso e imenso...
 Olhar que dentro em nós as emoções acorda,
 E faz vibrar do amor a sonora corda.

.....

Agosto.

IX

Eu ia só: a fronte amargurada
Pelo pesar; incerto e vacilante
O passo; e a ver dos olhos meus adiante
Uma planície intérmina e gelada.

Nem luz. Do céu a abóbada cerrada
De vapores, mas nunca a tremulante
Solta nuvem, de flamas irisada,
Que a tela colorisse do Levante.

Hoje gorjeiam pássaros em festa.
Bastou que a palidez da minha testa
Teu rubro lábio trêmulo osculasse,

Para que o sol do amor rompesse puro,
E o gelo, o gelo acumulado e duro
Em cristalinas flores estalasse.

Setembro.

X

Ele vem! ele vem! Minha vista ansiosa
 Percorre avidamente a trilha tortuosa,
 Que vai perder-se ao longe, entre o sombrio valo
 E a montanha, e onde o forte e ligeiro cavalo
 Que ele monta, talvez galope a toda a brida,
 Anelante de ardor, a clina sacudida
 Pelo vento. Ele vem! Basta cerca de espinho,
 Que se alonga, vergada, à beira do caminho,
 Mo encobre agora; mas sobre a tosca cancela
 A sua mão se apoia, a sua frente bela
 Vejo, vejo também seu olhar, que procura
 Meu olhar...

Ilusão! fantasia! loucura!

Na frouxa e tibia luz, que ilumina a paisagem,
 Como um sonho ideal, essa querida imagem
 Pouco a pouco se esvai e se evapora...

E enquanto

A noite abre no espaço o merencório manto,
 E envolve a natureza, e o mesmo Ocaso enluta,
 O meu olhar a sombra, ansioso, perscruta...

Novembro.

XI

Volve, enfim, ao lugar onde passamos
Os mais felizes e formosos dias,
Onde juntos, em êxtases, fitamos
O belo quadro que em teus sonhos vias.

Ao lugar onde juntos flóreos ramos
– Flóreos ramos de nossas fantasias –
Entre cantos e risos desfolhamos
Nos regaços das Horas fugidias.

Inflora e aclara este sombrio ermo.
Afasta a sombra que à minha alma desce,
Enche de luz meu coração enfermo.

Deixe que eu beba a música sonora
De tua voz, que o peito fortalece
E o espírito cansado revigora.

Dezembro.

XII

Se te lembras de mim ou não indaga
Meu coração, que em dúvida se cansa.
É como a onda móbil a incerteza:
Entre as flores das plagas e a crueza
Da rocha nos sacode e nos balança.

Ah! não! não posso crer que um só momento
Me tenhas esquecido. Entanto chora
Minha alma que te acusa e que te ofende,
Ó luz formosa que em meu céu resplende,
E de raios inunda a minha aurora!

Perdoa. Mas responde: por que ficas
Longe de quem te adora e te quer tanto?
Por que me deixas só neste deserto,
Onde vagueia o meu olhar incerto
Que enturvam ondas de saudoso pranto?

Olha: a tua cadeira está vazia.
Vem ocupá-la. Vê quanta ansiedade
Me oprime o seio por te ver distante!
Volta para o meu lar o passo errante,
Se não queres que eu morra de saudade.

Janeiro.

XIII

Passaram – mas relembro-as, e suponho
Vê-las ainda – céleres, festivas,
Do meu amor as horas, fugitivas
Como as asas quiméricas do sonho.

Brilharam puras, rápidas e vivas
Como as cores do arco-íris, que, risonho,
Dum proceloso pélagos medonho
Se arqueia sobre as ondas convulsivas...

Como ligeiros, breves resplendores
De luz, atravessando dos vapores
Os longos mantos túrbidos, rasgados...

E passaram as horas de alegrias.
– Passam agora os merencórios dias
pelos fios das lágrimas ligados.

Março.

XIV

Ao teu lado me sinto venturosa.
Partes: e logo a imensa soledade
Aos meus olhos se estende pavorosa.

O sofrimento súbito me invade
O coração, minha alma entristecida
Envolve-se no crepe da saudade.

Mas inda ouço a tua voz querida,
E a tua mão, oculta, me sustenta
Em meio às dores ásperas da vida.

Eis que rebrama a ríspida tormenta
E me arrebatava e leva a luz divina,
O casto sonho que meu peito alenta.

A dúvida, que assombra e que alucina,
Se precipita, e morde, e dilacera
O coração co'a presa viperina.

Dessa atribulação ai! quem me dera
Voltar ainda às crenças do passado,
Tornar-me ainda no que dantes era.

Veria então brilhar iluminado
O horizonte de vida, aberto e puro,
Em vez de pôr o olhar, triste e magoado,

Nas solidões imensas do futuro...

Abril.

XV

Nunca a latente, oculta tempestade,
Que se agita no crânio, e que atropela
O coração, em trágica ansiedade
Balançou-te nas vagas que encapela.

E nunca a fina seta da saudade
Varou-te o seio, e nunca a rósea tela
Dos teus dias, tocando a asperidade
Do infortúnio, rompeu-se às portas dela.

Nunca sentiste os teus alados sonhos
Presos aos ferros tétricos, medonhos,
De uma sombria e lúgubre masmorra.

Nunca sentiste o que minha alma sente.
Feliz: que importa pois que me atormente,
Que gema e anseie, e que delire e morra!

Maio.

XVI

*... C'est une chose indigne, lâche, infâme,
De s'abaisser ainsi, jusqu'à trahir son âme¹.*

Molière, *Le Misanthrope*.

A vida é triste, e curta, e cheia de amargura.
Por que desceste, pois, ó misera criatura,
Do imaculado altar do meu imenso amor;
Para baixo cair, tão baixo, que o negror
Da infâmia, que te envolve a frente, estremecida
Há bem pouco, me faz, de súbito ferida
De espanto e de terror, diante de ti recuar,
Do meu imenso amor despedaçando o altar?

Por que, durante o longo espaço de três anos,
De uma ausência cruel, em que dos desenganos
A taça, sem repulsa, o meu lábio esgotou,
E, perdoando e adorando, a minha alma elevou,
Para a tua abrigar, um grandioso templo,
Cuja ruína agora, em lágrimas, contemplo,
Aguçaste, infeliz, as farpas da traição,
Para delas crivar meu pobre coração?

I ∞ ... É coisa indigna, covarde, infame
Rebaixar-se assim, até trair a própria alma. [N. do O.]

Eras sincero e bom. O que é, pois, que te leva
Dos rumores da aurora ao silêncio da treva?
A ti, outrora forte, enérgico, viril,
À ação mais degradante, à mais baixa, à mais vil?
E que força brutal te sacode e balança
Em brusco movimento, e rápida te lança
Em pós de uma quimera implacável e vã,
Que hoje brilha e fulgura e se apaga amanhã?...

Vai! E que se transforme o antigo santuário
Do teu seio num leito escuro e mortuário,
Onde possa dormir num olvido sem fim
Toda a recordação que tiveres de mim!
Vai! E que nunca alguém, que depõe sua sorte
Em tua mão, que rasga os abismos da morte,
Se levante, como eu, num ímpeto de dor,
Para cuspir-te à face a palavra – traidor!

Agosto.

XVII

Ei-lo, o sombrio e glacial recinto
Em que ele jaz agora sem alento,
Entre os lívidos lábios o violento
E agudo grito de terror extinto;

Paralisado o gesto pelo cinto
Da morte, branco o rosto macilento,
E o negro olhar, fendido e nevoento,
De negros semicírculos retinto.

Golpeando-lhe como fino gume
A larga fronte jaspeada, o lume
Do círio esgarça a sombra em derredor...

Vede: o meu coração alanceado,
Como um Jesus pendido e ensanguentado,
Vela o cadáver do meu sacro amor.

Setembro.

XVIII

Jurei amar-te sempre, e, acelerado,
Voasse o Tempo, que da poesia
Ceifa os lírios, e nunca o imaculado
Lírio do meu afeto ceifaria.

E, se a Morte te houvesse arrebatado,
Fiel ao juramento inda seria,
E contigo no féretro encerrado
Meu coração à terra desceria.

Jurei amar-te sempre, acreditando
Poder desafiar sem medo a sorte,
Estes monstros cruéis desafiando.

Jurei amar-te sempre, e amar-te-ia
Sempre, se o amor, que afronta o Tempo e a Morte,
Conseguisse afrontar a cobardia...

Novembro.

XIX

.....

E lhe entornas no ouvido as mesmas doces frases
 Que outrora me disseste, e que do lábio fazes,
 Em torrente irisada e sonora, rolar;
 E é branda e carinhosa a luz do teu olhar;
 E sobre a fronte dela estendes, protetora,
 A mão, que sobre a minha estendias outrora.
 Dizes que pra ajoelhar vitorioso a seus pés
 Afrontarás da vida as volúveis marés.
 Tudo repetes, tudo; e, ao lembrá-lo, qual fero
 Vendaval, nem me estorce agora o desespero,
 E na boca, convulsa e descorada, nem
 Um grito de aflição arrebentar-me vem.
 Sinto o que há de pior: o tédio, o enfaro, o enojo,
 Que sentiria ao ver coleando de rojo
 De um sombrio paul no lodo infecto e vil
 O mais hediondo e torpe e asqueroso reptil.

Julho.

XX

Que te perdoem aquelas para quem
As tuas imprevistas covardias
Não trocaram os risos de alegrias
Pelo cáustico riso de desdém.

Que, num enlevo, e próximas de ti,
A vista mergulhada em tua vista,
Não olvidaram toda a luz que exista,
Todas, por vê-las rutilar aí;

E não viram um súbito negror
Lhes envolver a plácida existência,
Como um véu tenebroso de demência,
Extinto o brilho desse esplendor.

Que te bebendo a fresca vibração
Da sonora e musical garganta,
Não sentiram, como eu, uma onda santa
De bem refrigerar o coração;

E desse bem tão passageiro após,
Da cólera e do amor a luta aberta,
As incertezas todas que desperta
A treta melodia dessa voz.

Que não chamaram a tua alma irmã,
Por crê-la grande, varonil e nobre,
Sem ver que tinhas um disfarce sobre
Tua alma vulgaríssima e vilã.

Que não te confiaram do porvir
A flórida grinalda da esperança,
E, qual vi, não na viram, sem tardança
A um sopro de teus lábios ressequir.

Perdoem. Mas eu, que tudo dei-te, não.
Em derredor da minha mocidade
Abriste a pavorosa vacuidade.
– Nunca meus lábios te perdoarão.

Outubro.

XXI

Que importa à rocha inanimada e ríspida
A fúria do escarcéu,
Que lhe rasgou na aresta a vaga tímida
E a seus pés se abateu?

E à muda praia indiferente e estática
Que lhe importa que o mar
Sobre ela venha soluçoso e quérulo
E convulso estalar?

Como o escarcéu revoltu e vaga trêmula,
Ruges, choras, e em vão
De encontro à inércia de uma pedra estúpida
Bates, meu coração.

Novembro.

XXII

Sinto que estou enfim, do teu poder liberta:
– Os vínculos de ferro espedaçando, enfim,
Livre voa a minha alma, a asa trêmula aberta
Na rasgada amplidão de horizontes sem fim...

Vem ferir-me de balde a tua voz o ouvido.
Apagou-se na sombra a luz do teu olhar,
Onde não vejo mais o clarão incendiado
Do sol, nem o clarão do místico luar.

Ouça o teu nome, mas este nome que outrora
Fazia se agitar, abalado, o meu ser
De gozo, de aflições, de saudades, agora
Nem de leve sequer o faz estremecer.

Sinto que estou, enfim, do teu poder liberta:
– Os vínculos de ferro espedaçando, enfim,
Livre voa a minha alma, a asa trêmula aberta
Na rasgada amplidão de horizontes sem fim...

XXIII

Não, tu não és, nem foste alma gêmea da minha.
Reverberando o azul que o largo céu continha,
Foi tua alma falaz e putrefata a vasa
A que, douda, desci a branca ponta da asa
De minha alma, que após, num voo, espavorida,
Rompe os ares, e vai, de surpresa aturdida,
Semimorta de dor, e arfante de cansaço,
Em demanda de luz, de silêncio, e de espaço...

Dezembro.



Nota

Tendo de refazer de memória o livro destruído pelo incêndio da Companhia Editora Fluminense, substituí algumas poesias por outras escritas posteriormente ao prefácio de Lúcio de Mendonça. Esta substituição, espero, não fará parecer estranha a apreciação feita pelo ilustre escritor, tanto mais que as poesias que ele citou foram escrupulosamente conservadas.

J.C.

Rio de Janeiro, agosto de 1894.

 VIBRAÇÕES

JULIA CORTINES

VIBRAÇÕES



LAEMMERT & C.—Editores
Rua do Ouvidor, 66, Rio de Janeiro
Casa filial em S. Paulo
1905

À memória de meu pai
Dr. João Batista Cortines Laxe

*Je ne veux pas non plus, muette et resignée
Subir mon engloutissement.¹*

L. ACKERMANN – *Le Cri*

I  Eu não quero, não mais, silenciosa e resignada,
Sofrer um naufrágio. [N. do O.]



À minha Musa

Musa, toda a minha alma a tua alma retrata:
Se rio, o riso entreabre os teus lábios em festa;
Sofro, e sobre o palor da tua face mesta
Tristemente o colar do pranto se desata.

Sonho, e a mundos ideais o enlevo te arrebatá...
E o que a minha alma admira, ama, odeia e detesta,
E ilumina-me o olhar e sombreia-me a testa,
O teu gesto traduz e a tua voz relata.

Quer te eleves no voo audaz do pensamento
E vás livre pairar das estrelas em meio,
Quer te embale de leve um brando sentimento,

Quer estejas alegre, atormentada ou calma,
É-me grato sentir que dentro do teu seio
Vibra o meu coração e palpita a minha alma.





In Extremis

A FILINTO DE ALMEIDA

Vens de longe, trazendo as espáduas curvadas
 Pelo peso da dor e da fatalidade,
 Branco o raro cabelo, as faces engelhadas,
 Trôpego o andar da idade.

Volves agora a vista ao lar onde nasceste,
 Ao tempo que passou, aos transpostos caminhos,
 Aos sonhos que, a voar, inacessíveis, creste
 De tua mão vizinhos...

Vês? O passado está para sempre desfeito,
 A Esperança jaz morta e inteiriçada, e, junto
 Dela, esfria também, na cova do teu peito,
 O coração defunto.

Ai! nada mais trará a essa alma envelhecida,
 E que o frio torpor da indiferença abate,
 Os ardores com que, no começo da vida,
 Se lançava ao combate!

E nunca mais o Amor, com sua dupla face,
 Ora áspero e maldito, ora suave e santo,
 O sorriso, que à boca embevecida nasce,
 Te afogará em pranto.

Da Cólera que vem, sem reбуço e sem peias,
Livrementе ostentar sua audaz energia,
Já não sentes correr pelas tranquilas veias
A chama, que corria...

A Ilusão a asa abriu, demandando o horizonte
De vastos céus azuis de auroras radiantes,
E não mais roçará por tua nívea fronte
As asas, como d'antes.

Do Tempo sob a ação, insensível e lenta,
A Dor foi se tornando amortecida e calma...
Como uma árvore que desfolhou a tormenta,
Nua está a tua alma!

Nem sequer a Saudade – última luz que busca
O moribundo olhar na agonia suprema –
Dubiamente alumia essa atmosfera fusca
De uma velhice extrema...

Só te resta esperar, infeliz, o momento
Em que desse sopor venha livrar-se a Morte,
E a outro mundo melhor de paz e esquecimento
Nas asas te transporte!





O Lago

A JULIA LOPES DE ALMEIDA.

Um pouco d'água só, e, ao fundo, areia ou lama.
Um pouco d'água em que, no entanto, se retrata
O pássaro que o voo aos ares arrebatava,
E o rubro e infundo céu do crepúsculo em chama.

Água que se transmuda em reluzente prata,
Quando, do bosque em flor, que as brisas embalsama,
A lua, como uma áurea e finíssima trama,
Pelos ombros da Noite a sua luz desata.

Poeta, como esse lago adormecido e mudo,
Onde não há, sequer, um frêmito de vida,
Onde tudo é ilusório e passageiro é tudo,

Existem, sobre um fundo, ou de lama ou de areia,
Almas em que tu vês apenas refletida
A tua alma, onde o sonho astros de oiro semeia.





O Anoitecer

A ADELINA LOPES VIEIRA

Tarde. O sol mergulhou no fúlgido ocidente.
Dúbia, frouxa, a hesitar, Vésper, – como se a clara
Luz intensa do ocaso a vista lhe ofuscara, –
Abre, a medo, no céu a pálpebra tremente.

Uma flecha de luz o firmamento vara
E refrange: há um tremor nas nuvens; bruscamente
Corre através do espaço um clarão rubro e quente:
De lado a lado o infindo horizonte se aclara...

A luz esvai-se. Após esse breve esplendor,
Ficam, como depois dum incêndio apagado,
Cinzas só, a boiar do firmamento à flor...

Noite. A terra emudece extática... e no azul,
Em sombrio veludo agora transmudado,
Brilha, sereno e grande, o Cruzeiro do Sul...





O Condor

Dessa altitude, onde a voar te atreves,
 Audaz, sustido pelas asas grandes,
 Dessa altitude, para além das neves
 Que refulgem nos píncaros dos Andes,
 Se, acaso, o olhar indiferente fitas,
 Longe, através da imensidão dos ares,
 Mal percebes as terras infinitas
 E os infinitos mares...

Embaixo, entanto, do arvoredo as sombras
 Tanta frescura têm, de aromas cheia;
 Das relvas corre o arroio entre as alfombras;
 As ondas espreguiçam-se na areia;
 Verdeja o pampa ao sol; do vento ao brando
 Ofego ondula murmura a floresta;
 E no ar revoam, gárrulos, cantando,
 Os pássaros em festa.

Tu, galé da grandeza e do fastígio,
 Tens ao redor e acima a vacuidade
 Do espaço, e o céu azul, sem um vestígio
 De nuvens no esplendor da claridade,
 Sempre gelado e sempre emudecido:
 – Vasto, triste e monótono cenário,
 Onde tu pairas, como um rei banido,
 Imenso e solitário...





Depois da Batalha

Ei-lo, triste e de pé, de sua tenda à porta.
Na planície cessou o fragor da batalha,
E o silêncio, por sobre essa paisagem morta,
Deixa agora cair a pesada mortalha.

Espraia o olhar, e nada o seu olhar conforta:
Corre o sangue; do fumo esgarça-se a toalha;
O ar, um corvo, estendendo as asas negras, corta;
Por tudo uma tristeza infinita se espalha...

De súbito, o guerreiro, atento, a face inclina
Para o lado em que, doce e piedosa, tu descas,
Morte, sobre o sofrer a tua asa divina;

Qual se, de longe, um triste e confuso ruído
De resfôlegos e ais, de blasfêmias e preces,
Lhe viesse ferir subitamente o ouvido...





O Deserto

A PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA

O sol queima; o ar sufoca; a infinita celagem
Do céu resplende sobre o infinito deserto;
E do vasto horizonte, ao derredor aberto,
Sopra, como de um forno, uma ardente bafagem.

Nada à flor do areal, quer a distância ou perto;
E, através da nudez da vazia paisagem,
Nem sequer a ilusória e efêmera miragem
Deixa, ao longe, entrever o seu perfil incerto...

Nem o leve ruflar de uma asa; nem um grito,
Fazendo estremecer o deserto que dorme,
Como uma flecha, vara a mudez do infinito...

Implacável, o sol, quente e fulvo, dardeja
Uma luz que, abrasando a solidão enorme,
No ar, na areia e no céu treme, brilha e flameja...





A Giacomo Leopardi

Leio-te: e a triste e máscula poesia
Que dos teus lábios flui, dolente e forte,
Enche a minha alma de melancolia.

Como tu, nada vejo além da morte
No tormentoso pélagos da vida
Que a uma plaga serena nos transporte.

Volvo, contigo, a vista entristecida
Ao silencioso pó da morta idade,
Que o mundo enchia de rumor e lida.

Punge-me a dor, lacera-me a saudade,
Quando tu cantas a inefável hora
Das quimeras da curta mocidade.

Sofres? Também minha alma sofre e chora:
Prélios inúteis, ilusões desfeitas,
Toda a miséria do viver deplora.

Quanta amargura nesse olhar que deitas
À glória vã, que atraí, seduz e passa,
E às almas, todas ao sofrer sujeitas!

Bebo também do tédio a amara taça,
E sinto, quando a tua angústia leio,
Que esse teu coração, que a dor enlaça,

Palpita dentro do meu próprio seio.





Terra Ideal

Como um pássaro, abrir na amplidão do horizonte
As asas eu quisera, e a uma terra voar
Que existe para além do píncaro do monte
E para além da toalha infinita do mar.

Terra onde o pálido azul das auroras se estende,
Sem nuvens, tinto de oiro o límpido fulgor,
Por sobre um solo verde e viçoso em que espande
A água viva, a cantar entre margens em flor;

Onde os nimbos jamais, fustigados do açoite
Dos ventos, pelos céus rolam em turbilhões,
E onde o amplo manto arrasta a tenebrosa noite
De planetas broslado e de constelações;

E que do liminar de minha adolescência,
Entre sombras, a furto e a distância, entrevi,
E que em pleno verão e em plena florescência
Da raia do horizonte ainda me sorri...

E para onde eu estendo avidamente os braços,
E para onde se lança, atraído, o meu ser,
Vendo-a sempre, através de infinitos espaços,
De meus braços fugir, de minha alma correr...





Sinal na Frente

(ADA NEGRI)

Uma estrangeira, em púrpuras e gala,
Tocou-me a fronte com um dedo, e riu-se.

Um frêmito me abala.

E disse-me: “Um sinal tu tens na fronte,
Talhado em forma de uma cruz bizarra.

Tens um sinal na fronte.

Dos anos teus no afortunado giro
Sempre o trarás contigo – pois abriu-o

A boca d’um vampiro,

Que da tua existência a melhor parte
Ávido suga, e o fogo às tuas veias,

E tem o nome de Arte.

Quantas vezes o viste, ó quantas, quando
Velavas solitária, à cabeceira,

Famélico, te olhando!...

Foi o reino de Apolo a ti prescrito;
Mas neste séc’lo vendilhão e bárbaro

O talento é delito.

Sus, desnuda no verso prepotente
As vivas chagas de teu peito; em face
Há de te rir a gente.

Rica de juventude sã, doirada,
Vibra um hino de amor; e hão de chamar-te
De doida e deslocada.

Reis e censores, com insultos crassos,
Seguir-te-ão, como o lobo segue a prea
P'ra comê-la a pedaços.

E extinguir o sinal embalde vais;
Embalde: a luz da ideia não se extingue
Jamais, jamais, jamais!...”

Disse. E, proterva, em trajo purpurino,
Ergue-se em frente a mim, tal como o fado.
E eu a cabeça inclino.





Entre Abismos

Mistérios só, de um lado, e sombras...
Em seguida,
A estrada tortuosa e aspérrima da vida,
Onde impreca a Revolta, onde brada o Terror,
Onde geme a Saudade e se lastima a Dor,
E, co'o gesto convulso e os traços descompostos,
Batidos pelo vento, à tempestade expostos,
Atropelam-se, em doida e febril confusão,
O Desespero, a Raiva, a Cólera, a Paixão,
Cujo concerto de ais e de pragas abala
O espaço, emudecendo o temporal que estala...

Do outro lado, somente o tenebroso mar
Da morte, em que por fim tudo irá se atufar...





O Tempo

Passas, leve e sutil, sem trégua e sem cansaço.
Passas, e de teus pés vem rolar sob a planta
Tudo o que ri e chora e se lastima e canta.
Uma esteira de pó fica após o teu passo...

Quanta angústia desfeita em lágrimas, e quanta
Ilusão, que embalou um'hora o teu regaço,
Não pensaram, ness'hora inolvidada e santa,
Seguir contigo a estrada infinita do espaço!

E ao término fatal levaste-l'as, no entanto.
O monumento eril rui à tua passagem,
E transmuda-se em sombra a mais brilhante imagem.

Tarde ou cedo destróis tudo o que existe: o pranto
Secas, sustas o riso, e emudeces o grito
No lento caminhar através do infinito...





O Sonho

“Vem! – o Sonho me diz, e a sua mão me acena –
Sobre uma asa que vibra, e se estende, e se eleva,
Sobe! sobe! e à região afastada e serena
Das estrelas o voo ousadamente leva!

A vida corre sempre amargurada ou seva;
A esperança atraiçoa e a paixão envenena.
Nada vale a embriaguez da poesia que enleva...
Paira acima da terra onde habitas, sem pena.

É mais formoso e puro o país da quimera:
– O aroma fresco, o céu azul, a aragem branda;
Asas fremem à luz de um sol de primavera.

Glória, vida e prazer, tudo esse mundo encerra.
– Pensa, ó alma infeliz, ó alma miseranda,
Que nada existe assim sobre a face da terra.”





Uma Voz

Ouço um como ruflar d'asa trêmula. Agora,
Como o crebro rumor da vaga que se agita
E à praia vem rolar num som que freme e chora,
Chora e freme em redor essa voz infinita.

Ora exala-se em tons suavíssimos, ora
Tem o surdo bramido, a lancinante grita
De torrente que ferve e que se precipita
Pelo áspero pendor de uma floresta afora...

Donde vem essa voz em que a prece cicia,
Em que se sente o arfar do trêmulo cansaço,
Em que vibra o clamor da cólera bravia?

Donde vem essa voz que eternamente o ouvido
Me fere? donde vem? – Do céu talvez, do espaço,
Ou do fundo talvez de um coração partido...





À Noite

Lenta, no ocaso, a púrpura da tarde
 Se apaga. A derradeira flama que arde,
 De oiro franjando as nuvens, se esvaece...

E a noite sobe, ganha,
 Pouco a pouco, em silêncio, o espaço, e a umbela,
 Tenebrosa e tamanha,
 Abre no céu, onde, a furto, uma estrela,
 Tremendo, resplandece...

No silêncio e na treva
 A natureza plácida mergulha,
 E, deslembrando o resplendor e a bulha,
 A alma, em voos, se eleva
 Ao mundo da ilusão e da poesia.
 Tudo parece adormecido em torno;
 Somente pelas árvores cicia
 Da brisa o sopro embalsamado e morno...

Mas a calma e o repouso
 Da vasta noite, tácita e estrelada,
 Alguém perturba... É a imagem que domina
 Minha alma, ante ela, súbito, enlevada...
 Fala: e o silêncio a sua voz povoa;
 Olha: e a sombra da noite se ilumina
 À clara luz que o seu olhar radioso,
 Por entre os cílios, coa...

Vejo-a na solidão de minha vida
Erguer-se, como uma árvore gigante
Numa planície sáfara e despida;
Como uma ilha, surgir, verde e ondulante,
À flor das águas de desertos mares;
Dominar, como um pássaro que expande
As largas asas, solitário e grande,
Na amplitude dos ares...





O Herói

EPISÓDIO DA FORTALEZA
DE VILLEGAINON

AO CONTRA-ALMIRANTE HUET DE BACELLAR

Um marinheiro trepa à hástea, ao mar sobranceira,
Para de novo hastear a tombada bandeira.

No ar golfando a fumaça em brancos turbilhões,
Rugem, rubras de fogo, as bocas dos canhões,
Que circundam de terra a heroica fortaleza,
Como tigres a urrar em derredor da presa.
E o marinheiro sobe impassível. E à voz
Do comando e da praga, em um concerto atroz,
Se une o grito da dor. Sobe... e esvoaça, sem norte,
Em torno à sua frente a asa incerta da Morte.
Sobe ... e a espuma, a gemer, por uma bala o mar
Lacerado levanta e repuxa no ar.
Sobe... até que por fim, branco como o alabastro,
O pendão tremulou, preso ao tope do mastro...

Um alegre e vibrante e súbito clamor
De vitória se uniu ao berro atroador,
Incessante e feroz da imiga artilheria.
E o grande herói, cerrando o olhar à luz do dia,
À terra em que nasceu, ao mar que tanto amou,
Morto, os braços abriu, e da altura rolou...





D. Quixote

Quanto campeador, ó Cavaleiro Andante,
Como tu, não deixou a sua rude aldeia
Para à luta correr e ir procurar distante
A glória, pela qual avidamente anseia!

Olha: em vez dum moinho, há um válido gigante;
Em lugar duma venda, um palácio pompeia;
Ao longe lhe sorri uma princesa amante,
Tão bela como a tua ideal Dulcineia.

Quantos, sem perceber o semblante enfadonho
Da verdade, não vão por uma estrada vasta,
Caminhando através da beleza e do sonho,

Caminhando através da sublime loucura
Que eleva o olhar de quem pela terra se arrasta
Para o bem, para a glória e para a formosura!





Hércules

Filho altivo de um deus, alma viril e forte,
Vivi até então numa peleja rude,
E, combatendo o vício em favor da virtude,
Mil vezes encarei serenamente a morte.

Uma sorte cruel, uma nefasta sorte
Faz com que tal poder em langor se transmude,
E faz com que também, numa vil atitude,
O jugo da fraqueza a minha alma suporte.

Ter de uma águia possante a enorme envergadura
E não poder abrir o voo soberano
Livrementemente no azul da célica planura,

Eis, Onfália, o que foi a minha negra sina:
– Um espírito audaz, um vigor sobre-humano,
Escravizados por tua mão pequenina...





Exilado

Longe a pátria querida. À linguagem das gentes
Estranho, estranho a toda a alegria e doçura,
Debalde o céu do exílio ao teu olhar fulgura;
Em meio à multidão solitário te sentes.

Rolam pelo teu rosto as lágrimas ardentes
Da saudade. Que importa? Impassível ou dura,
Em torno a face vês de cada criatura:
A impiedade dos maus e dos indiferentes.

Longe o doido prazer da infância turbulenta,
Longe o sonho que atraí, a esperança que alenta,
E a materna afeição, de mãos postas, a orar...

Tudo ao longe ficou nesse amado recanto
Da pátria, onde, através da tristeza e do pranto,
Vês, tranquilo, se erguer o teto do teu lar...





[Não te dirá jamais, indiferente e calma]

Não te dirá jamais, indiferente e calma,
Da natureza a muda e implacável esfinge
A razão por que acende o desejo em tua alma
De um bem que atraí, que foge e que nunca se atinge.





Vozes da Noite

Pesa a calma da noite em derredor. Um choro
 Brando às súbitas soa
 No silêncio, que após um tumultuoso coro
 De soluços e de ais e de gritos povoa:
 – Vão e eterno clamor da humana criatura,
 Presa da desventura.

Quanta dor a gemer nessa orquestra assombrosa!
 Revoltado e dorido,
 Vibra o grito de alguém, numa selva cheirosa
 Pelo ascoso réptil da perfídia mordido;
 De alguém, franco e viril, que a luta não abate,
 Vencido sem combate.

Ouçõ o rouco estertor do soldado, que, exangue,
 Após a árdua refrega,
 Agoniza num solo embebido de sangue,
 Enquanto ao seu olhar, que às ilusões se apegã,
 Se transmuda o fulgor da sagrada bandeira
 Numa sombra embusteira...

Eis a voz dos que são ao delito levados
Por uma força bruta;
Eis teus prantos também, cruelmente apupados
Da turba, miseranda e torpe prostituta,
Se co' a ponta do pé, como a um verme mesquinho,
Te afastam do caminho.

Muda prece a subir para os céus inclementes,
Sufocadas torturas,
Alada aspiração, que cativa te sentes,
Dúvidas, que tateais, vacilando, às escuras,
Uma nota revela, uma plangente nota,
Tanta miséria ignota.

Os gemidos que exala o alcáçar opulento
E o mísero tugúrio,
Da inconsciência o vago e confuso lamento,
O brado da revolta, e da queixa o murmúrio,
Tudo traduz agora a trágica harmonia
Da música sombria.

E em minha alma penetra a suprema tristeza
Desse lúgubre canto,
Onde, como a descer de um rio a correnteza,
Rola a vaga revolta e túrgida do pranto,
A seguir, a seguir, sem trégua e sem cansaço,
Pelo infinito espaço...





Dor Secreta

Musa, cerra o teu lábio, e, indiferente e enxuto,
Abre o límpido olhar.
Que essa dor, que te morde o coração em luto
E que o faz sufocar,
Nem de leve contraía o teu plácido rosto.
Cala o acerbo sofrer.
Cala, Musa, esse amargo e profundo desgosto
Pior do que o morrer.
Nem uma queixa, um grito, uma súplica, um canto,
O revele jamais.
O momento chegou de reter o teu pranto
E abafar os teus ais.





Nostalgia Selvagem

Longe, longe, a uma grande, infinita distância,
Que não me será dado afrontar nunca mais,
Fica a terra onde vi deslizar minha infância:
Tal, sob um bosque em flor e um ar todo fragrância,
Um arroio a correr através dos juncais.

Vejo ainda essa pátria adorada e formosa:
– Densa e verde, a floresta infinda se estender
Por sob um céu azul, broslado de oiro e rosa,
E a cachoeira, como uma serpe raivosa,
Pelos flancos da serra, em convulsões, descer...

Pátria onde vive e luta uma raça valente,
Que a morte encara sem os olhos abaixar,
Que sabe opor o peito à força da corrente,
Vencer o tigre, a flecha atirar destramente,
E na mão do inimigo o tacape quebrar.

Vejo agora, – ó visão de sonhos tentadores! –
Da frente a cabeleira a escorregar-lhe aos pés,
Tendo na brônzea pele o perfume das flores,
Ágil, esvelta e linda, a virgem dos amores,
Seminua, passar das ramas através...

Asas! Ave que vais para longe, eu quisera
Asas para transpor, como tu, a amplidão!
De um país onde fulge, eterna, a primavera,
Longe o amor me sorri e a luta chama e espera.
Asas! para fazer voar meu coração!





Ancião Africano

A testa negra sob a carapinha branca.
Da longa escravidão a tremenda tortura
Não lhe alterou da face a expressão de doçura.
Um riso bom entreabre a sua boca franca.

A vingança do peito um brado não lhe arranca;
Em seu tranquilo olhar o rancor não fulgura,
Quando, na resignada e humílima postura,
Vê se erguer uma mão que ameaça e que espanca.

Verga-lhe agora o corpo um secular cansaço;
E através desse olhar que não pensa, mas sonha,
Desse olhar a que basta um pequenino espaço,

Vê-se uma alma de paz, uma alma de bonança,
Doce, meiga, infantil, amorosa e risonha,
Como uma alma feliz e ingênua de criança.





Por quê?

Se é do homem o sombrio e implacável fadário
 Caminhar através do caduco e precário;
 Se após a embriaguez, que produz a ilusão,
 Só lhe resta o amargor duma atroz decepção;
 Se a meta desejada, em vitorioso adejo,
 Jamais atingirá a asa do seu desejo;
 Se em tudo o que o seduz no presente, amanhã
 Não verá seu olhar mais que uma sombra vã;
 Por que, ó Natureza, essa surda ansiedade
 De sentir, de gozar por toda a eternidade?
 Por que do bem, do amor e da glória correr
 Empós, sem conseguir em seu voo os deter?
 Por que, num desespero e uma ânsia de proscrito,
 Os braços estender para o azul do infinito?!...





O Infinito

(G. LEOPARDI)

AO DR. ESPERIDIÃO ELOY FILHO.

Sempre caro me foi este ermo cole,
Mais esta sebe, que de tanta parte
O longínquo horizonte à vista oculta.
Mas, se me assento, contemplando-a, espaços
Intérminos além, e sobre-humano
Silêncio, e profundíssima quietude
Meu pensamento fantasia; e quase
Se me apavora o coração. Se o vento
Ouço fremir nas árvores, aquele
Infinito silêncio a este murmúrio
Vou comparando: e lembro-me do eterno,
Das extintas idades, da presente
E viva e rumorosa. E em meio dessa
Imensidão afogo o pensamento,
E em suas ondas naufragar me é doce.





A um Coração

Dize: o que é que te eleva agora, e te sustenta
 Acima, indiferente à fúria da tormenta,
 E te faz, descuidoso e feliz, palpitar,
 Surdo ao bravo clamor do atormentado mar?

A esperança? Nem hás de entrever a esperança
 Como um raio de sol através de uma frança.
 Na taça que a beber o futuro te der
 Leve saibo de mel não sentirás, sequer.
 Nunca mais sob um céu azul de primavera
 Verás abrir-se a flor da divina quimera!

Nunca mais! E, contudo, um estranho sentir
 Te levanta, e te faz palpitar, e fremir...





Desiludida

A negra nuvem da melancolia
Te ofusca a fronte... Peregrina e bela,
De teu olhar a luz, glauca e sombria,
Lembra as ondas que o vento encarapela.

Que importa que teu lábio nos sorria,
Se em teu sorriso a mágoa se revela,
E se traduz a fúnebre elegia
Do sofrimento que teu peito encela?

Quem te levou, ó mísera criança,
De um céu azul, de sonhos irisado,
À noite umbrosa da desesperança?

Que mão foi essa, desumana e fera,
Que ante o teu doce olhar enamorado
Dilacerou a teia da quimera?





A Alavanca de Ouro

(LENDA CUIABANA)

Pensas, em vão, poder, numa luta tamanha,
 Por sob a luz que um céu esbraseado irradia,
 Ó mineiro, encontrar dessa alavanca, um dia,
 O ouro, e da dura terra arrancá-la da entranha!

Arfa-te o peito; o suor os cabelos te banha,
 E, quente e devagar, pelo rosto desfia...
 Se vai prendê-la a mão que a desejado havia,
 Ela de mais a mais pela terra se entranha.

A sede do ideal nada na vida a estanca!
 Homem, o que há sonhado a tua vasta mente,
 E que vais pela terra a procurar em vão,

É assim como da lenda a pesada alavanca:
 Se a mão a toca ansiosa, ela, rapidamente,
 Pela terra se entranha, escapando da mão...





Renúncia

Eu não venho, através da sombra que te vela,
Deus, ilusão cruel, à face soberana
Lançar-te, num clamor, que fustiga e flagela,
Uma blasfêmia insana;

Nem revoltar-me em vão contra a fatal certeza
De que ides nos tirar o que há pouco nos dáveis,
Da indiferente e bruta e cega natureza
Férreas leis implacáveis.

Nada espero de vós, nem para vós se lança,
Ó potência brutal, ó deidade sombria,
Numa súplica vã, numa vã esperança,
Minha alma na agonia!





Vencida

Eis-te, enfim, vitoriosa, ó Dor, ó implacável
E eterna companheira,
Que caminhaste sempre a meu lado, incansável,
Pela existência inteira!
Como d'antes, o olhar levantado não tenho,
Num varonil impulso,
Perante o teu sombrio e atormentado cenho
E o teu gesto convulso.
Do grande mundo ideal das ilusões proscrita,
Sobre as asas da crença,
Voar, longe de ti, a uma plaga bendita,
Já minha alma não pensa;
Tão amargo e profundo é o que ela agora sente...
Ante essa arma homicida
Que empunhaste afinal, vitoriosa e potente,
Eu me curvo vencida.





Eternidade

Eternidade d'alma! ilusória miragem,
Que a alma busca através da crença e do terror,
A idear uma calma ou sombria paragem
De infinito prazer ou de infinita dor!

Por que há de haver além, noutro mundo distante,
Um prêmio eterno para a virtude mortal?
E para o ser que vive apenas um instante
Por que há de ser eterno o castigo do mal?

Que outros pensem que um dia a efêmera ventura
Eterna possa ser, e o efêmero pesar.
Que outros pensem que irão na constelada altura,
Co'outra forma e outra essência, a vida renovar...

À minha alma de balde essa ilusão convida.
Sem crença e sem terror, é-lhe grato saber
Que por destino tem, sobre as ondas da vida,
Um instante boiar, e desaparecer...





Fragmentos

I

.....

Indagaram, sequer, meus olhos, curiosos,
O que te fez branquear o juvenil cabelo,
Onde outr'ora pousei os dedos amorosos?
Se tu choras ou ris, que me importa sabê-lo?

E uma voz não se eleva em tua consciência
Para te proibir de voltares o rosto
Para a vida que encheste, em plena adolescência,
De lágrimas, de fel, de tédio e de desgosto!

II

Mas se queres saber, volve agora os teus olhos
A esse sombrio mar, erriçado de escolhos,
E que, em fúria, lacera a garra do tufão.
Decerto o teu olhar reconhecer não há de
Nesse pego, onde breme a voz da tempestade,
Meu terno e confiante e ingênuo coração.

Olha ainda essa adusta e sáfara paisagem:
É um deserto: nem flor, nem sombra, nem aragem,
Nada, a não ser o oceano infinito de pó.
Olha: por ele alguém, solitário, se arrasta:
É minha alma que vai pela amplitude vasta,
Eternamente só! eternamente só!





Fracos

Fracos, odeio a inércia e detesto a fraqueza.
 Prefiro a mão que esmaga ou que vibra o punhal
 À doce e inconsciente e nefasta moleza,
 Que é para a alma do forte um veneno mortal.

Como de encontro à costa, em ondas remansadas
 Chora o mar, ou se atira em bravos vagalhões,
 Assim de encontro a vós, almas adormentadas,
 Fremem de ódio e de amor os nossos corações.

Almas fracas, fugindo à aspereza das lides,
 Sem um esforço para às correntes opor,
 Pelo rio do tempo arrebatadas ides,
 Desta ou daquela vaga a boiar ao sabor.

Que vos importa a vós a agonia da luta,
 A ânsia de possuir, o infinito aspirar?
 Que vos importa a vós a decepção que enluta,
 Se não sabeis querer, nem sabeis adorar?!





À Beira do Abismo

Morta, enfim, a esperança e desfeita a quimera,
Tu chegaste da vida ao cimo da montanha,
Onde, no calmo horror da solidão que impera,
Nada mais te acompanha.

Nada mais, a não ser o encarniçado apego
À existência ante a lei implacável da sorte,
Que a teus pés abre agora o inevitável pego
Misterioso da morte.

Que há, porém, nessa crua e falaz existência,
Que tu possas querer, infeliz criatura,
Tu que dela provaste a bárbara inclemência
E a infinita amargura?

Tu que viste rolar pelo solo os escombros
De tudo o que nasceu para morrer num dia,
E a Natureza-Mãe surda à voz dos assombros,
Surda à voz da agonia;

E o Deus bom, o Deus justo, o Deus onipotente,
Que a distância, no espaço, a sua face oculta,
Insensível à fé, que exora, e indiferente
À blasfêmia, que insulta;

E o lugar de um poder a outro poder ser dado:
A lei substituir o capricho divino,
E o Homem sempre através das idades levado
Pela mão do Destino?!

Abandona-te, pois. Transpõe o curto espaço
Que te separa então do final paroxismo,
P'ra da morte cair, dado o intrépido passo,
No silencioso abismo,

Onde vai se extinguir o que a carne padece
Desde o primeiro choro ao último gemido,
E onde a ideia e a paixão, tudo desaparece
Sob as ondas do olvido...





Interrogação

Contemplo a noite: a cúpula estrelada
Do firmamento sobre mim palpita;
Meu olhar, que a interroga, embalde fita
O olhar dos astros, que não veem nada:

“Nessa amplitude lóbrega e infinita
Que inteligência ou força inominada
Numa elipse traçou a vossa estrada,
Estrelas de oiro, que o mistério habita?

Dizei-me se, transpondo a imensidade,
Alguma coisa a vós minha alma prende,
Um vínculo de amor ou de verdade.

Dizei-me o fim da nossa vida agora:
Para que serve a luz que em vós resplende,
E a oculta mágoa que em meu seio mora?...”





Eu Estou Fatigada

(ANNIE VIVANTI)

Eu estou de lutar tão fatigada:
Dá-me a paz, que só tu a podes dar!
Eu estou de pensar tão fatigada:
Dá-me a calma que espelha o teu olhar!

Estou tão fatigada de sonhar:
Acorda-me num dia glorioso!
Estou tão fatigada de vagar:
Prende-me as asas, chama-me ao repouso!





Vaticínio

Ai de ti! se, em lugar de encerrar seu desejo
No círculo que nunca há transposto o teu passo,
A asa abrir a tua alma, em intrépido adejo,
Sequiosa de luz, sequiosa de espaço...

Se, de seres em vez qual inerte despojo
A boiar ao sabor de todas as correntes,
Quiseres, num audaz, num inútil arrojo,
A onda oposta rasgar com teus braços frementes,

Ai de ti! ai de ti! Por uma ignota e bruta
Força tu hás de ser fatalmente vencido,
E só te restará a fadiga da luta,
E o infinito pesar dum sonho esvaecido...

Debalde à natureza impiedosa e serena
Perguntarás: – “Por que tanto afã, tantas dores?
E por que iludir a esperança, sem pena,
Com males, que do bem se fingem portadores ?...”

E só, sem que outra voz à tua voz responda,
Da crua realidade a ferir-te nas fráguas,
Correr tu deixarás em tua alma uma sonda,
Sem o fundo encontrar do pélagos das mágoas.

E maldirás, então, a sorte treda e fera
Que à peleja impeliu teu coração insonte,
Desfraldando o pendão da fúlgida quimera,
Outro mundo a apontar para além do horizonte...

Bom, dirás, é viver sem combate ou tortura,
Pisar o chão batido, onde a dor não abrolha,
Como uma ave ferida às súbitas na altura,
Morrer, ou como a flor que uma aragem desfolha...





Esfinge

Olha! Levanta agora a pálpebra descida
E o segredo desvenda, enfim, do teu olhar!
Fala! Descerra a boca, há tanto emudecida,
Deixa o segredo, enfim, da palavra escapar!
Olha! fala! estremece! O meu olhar atento
Vai-te da imota fronte ao imoto coração,
Buscando surpreender um fugaz movimento
Que revele o sofrer ou que traia a paixão.





Alma Solitária

O que sentias era o que ninguém sentia:
– O ódio, o amor, a saudade, a revolta tremenda.
Não há ninguém que te ame e te console e entenda.
Ninguém compartilhou tua funda agonia.

A alma que possuir acreditaste, um dia,
Indiferente, vai a trilhar outra senda.
Do infinito deserto ergueste a tua tenda
Em meio à solidão da paisagem vazia...

E ora num voo audaz, ora num voo incerto,
Entre o fogo do céu e a areia do deserto,
A asa da aspiração finalmente cansou...

Mas a tua ansiedade e a tua angústia acalma.
– Sobre o abismo cavado entre as almas, ó alma,
Ninguém, para transpô-lo, uma ponte lançou.





A um Cadáver

Eis-te, enfim, a dormir o teu sono de morte:
Semicerrado o olhar, as pupilas serenas,
Na atitude de quem nada teme da sorte,
Deslembrado do amor e esquecido das penas.

Nada pode turbar-te em teu repouso: estala
O raio, a lacerar das nuvens os vestidos;
No espaço a luz se extingue, o estampido se cala,
Sem vir ferir-te o olhar ou ferir-te os ouvidos.

Livre, afinal, da vida a que estava sujeito,
Teu calmo coração nenhum afeto encerra,
E, em pouco, como tu, ele estará desfeito
Sob o espesso lençol da camada de terra...

A afeição, que, fiel, te acompanhava, deve
Ficar, a pouco e pouco, à tua ausência alheia.
Passaste; e o esquecimento há de apagar, em breve,
O sinal que o teu passo imprimiu sobre a areia...

Que importa? Estás dormindo o teu sono de morte:
Semicerrado o olhar, as pupilas serenas,
Na atitude de quem nada teme da sorte,
Deslembrado do amor e esquecido das penas.





Sonhadores

Almas – da natureza a execrada exceção –
 Em que o Sonho ateou seu nefasto clarão,
 Vós que, presas à terra, a asa do pensamento
 Sentis sempre a voar, em livre movimento,
 Para o distante azul dos mundos ideais,
 Onde o bem que buscais não existiu jamais;
 Vós que abris, procurando o mistério das coisas,
 Ou do futuro os véus, ou do passado as lousas,
 Vendo bem quanto é vão o que hoje se ergue, e só
 Se ergueu para amanhã se desfazer em pó;

Vós, a quem acenou a dolosa esperança
 Co'a ventura que atrai e que nunca se alcança,
 E que, em sede, ao roçar pela fonte do amor
 O lábio, a água sorveis do pântano da dor;
 Vós todas pela terra arrastastes os dias,
 Deixando após, no chão, um rastro de agonias,
 E fazendo vibrar, no espaço, em torno a nós,
 A vossa revoltada ou suplicante voz,
 Que ora em murmúrios geme, ora em blasfêmias grita
 Da vida que heis vivido a miséria infinita!





Enfim!

Inclina, ó poeta, um pouco a tua fronte e escuta:
Esse pego da vida, em que tu vais boiando,
Parece se tornar lentamente mais brando,
Exaurido talvez da porfiada luta.

Já se não ouve mais o seu lamento, quando
De nimbos todo o céu a tempestade enluta,
E nem do vento já sob a vergasta, em bruta
Sanha, vai, em clamor, as penhas escalando.

Ele acalma, piedoso, os ásperos rumores
P'ra teu corpo levar, sem quebrá-lo ou feri-lo,
À plaga onde não há sobressaltos nem dores;

Onde, vendo-te inerte e sem voz e sem pranto,
Sobre o teu coração, finalmente tranquilo,
Virá abrir o Olvido, em silêncio, o seu manto...





Ao Sol

A LÚCIO DE MENDONÇA.

Foi noutro tempo, ó Sol, noutra idade distante,
Que o teu flanco expeliu esta terra que habito,
Que a ti prende a atração, e arrastas triunfante
Pelas estradas do infinito.

É por ti que ela existe, e que nela pulula
A vida, pai da luz, do som, do movimento,
E que a planta germina, e que o sangue circula,
E que palpita o pensamento.

Tu fizeste subir, de vitória em vitória,
Do bruto e cego instinto a humana criatura
Té à vida do amor, té à vida da glória,
Da consciência e da amargura.

Debalde ela, porém, teu mistério interroga:
– “Ó Sol, sobre a minha alma agitada e fremente,
Que num mar de incerteza e de angústia se afoga,
Por que é que ris indiferente?

Valia a pena, acaso, arrancá-la do nada,
Valia a pena, acaso, acordá-la do sono
Em que jazeu, no Todo imenso mergulhada,
Para deixá-la no abandono,

Sobre a terra, tateando a densa escuridade
Em que se perde o fim e o princípio da vida,
Ou empós a correr, numa doida ansiedade,
Duma ilusão, nunca atingida?

Mas por que levantar meus inúteis clamores,
Se tu não tens olhar e se não tens ouvidos
Para ver o meu corpo alanceado de dores
E para ouvir os meus gemidos?

Se nem sabes, sequer, que nesses céus profundos
É teu fado acender um resplendor sidéreo,
E girar em redor, centro de tantos mundos,
De um outro centro de mistério?!...”





Por toda a Parte

Interrogaste a vida: interrogaste o arcano,
Misterioso sentir do coração humano;
A mesta palidez serena do luar;
O murmúrio plangente e soturno do mar;
O réptil, que rasteja; o pássaro, que voa;
A fera, cujo berro as solidões atroa;
A desenfreada fúria insana do tufão;
A planta a se estorcer numa atroz convulsão.
Interrogaste, enfim, tudo o que existe, tudo:
O que chora, o que vibra, o que é imoto, o que é mudo.
Do astro eterno baixaste à transitória flor.
Que encontraste, afinal?

– A dor! a dor! a dor!



Por toda a parte

Interrogaste a vida: interrogaste o arvoreano
 Mysterioso sentir do coração humano;
 A mista pallidez serena do luar,
 O murmurio plangente e soturno do mar;
 O reptil, que rasteja; o passaro, que voa;
 A fera, cujo berro as solidões atroa;
 A desenfreada furia insano do tufão;
 A planta a se estorcer numa atroaz convulsão.
 Interrogaste, enfim, tudo o que existe, tudo!
 O que chora, o que vibra, o que é immolo, o que é mudo.
 Do astro eterno baixaste a transitoria flôr.
 Que encontraste, a final?

— A dôr! a dôr! a dôr!

Julia Cortines.

20 de Janeiro de 1915.



Dies Iræ

A esse som de trombeta e de alarma, quem há de
 Dormir? Mortos, deixai a paz da sepultura
 E acorrei: o que ouvis é o clarim da Saudade!

De pé! de pé! de pé! Despedaçai a dura
 Lousa que sobre vós lançou o esquecimento,
 Espectros do sofrer, fantasmas da ventura!

Ó divina ilusão, que um único momento
 O fulgor da tua asa ante os meus olhos passe,
 Deixando-os num enlevo e num deslumbramento!

Meu amor, meu amor, anima-te! renasce
 Da cova em que a traição te sepultou um dia,
 E une ainda uma vez a face à minha face!

Como o meu coração, em ânsias, se estorcia
 Às tuas rudes mãos, fá-lo estorcer-se agora,
 Minha lenta e penosa e tremenda agonia!

Todas vós que a minha alma agitastes outrora,
 Ó esperança, ó alegria, ó tristeza, ó ansiedade,
 Acudi a essa voz que, vibrante e sonora,

Faz rolar pelo espaço o clarim da Saudade!





Última Página

Antes de mergulhar no silêncio da morte,
Ou da idade sentir a fraqueza e o torpor,
Eu quisera lançar, num supremo transporte,
Meu grito de revolta e meu grito de horror.

Mas sei que por mais forte e por mais estridente
Que ela corra através do infinito, até vós,
Ó céus, que além brilhais numa paz inclemente,
Nem qual brando rumor chegará minha voz!

Mas sei que não há dor que a natureza vença,
E que nunca a fará de leve estremecer
Na sua eternidade e sua indiferença
O lamento que vem dum transitório ser

Mas sei que sobre a face execrável da terra,
Onde cada alma sente, em torno, a solidão,
Esse grito, que a dor duma existência encerra,
Não irá ressoar em nenhum coração.

Contudo, num clamor de suprema energia,
Eu quisera lançar minha voz! Mas a quem
Enviar esse brado imenso de agonia,
Se para o compreender não existe ninguém?!



 POEMAS INÉDITOS

*Regret*¹

Está findo o combate. Eu venci e, contudo,
Vencedora eu me sinto igualmente vencida...
Cada gesto me traz um sofrimento agudo,
Dá-me em meio do peito uma larga ferida.

E com que intrepidez, com que audácia e energia,
Não me lancei da vida à aspérrima batalha!
Nem me atemorizou a boca que rugia,
Nem o brilho da espada e o estrondo da metralha.

Para no alto plantar, ufana, aos quatro ventos,
Desfraldada a bandeira ofuscante da Glória,
Galguei por entre o fumo, e as pragas, e os lamentos
A estrada que conduz ao cimo da vitória.

E venci. E, contudo, eu me sinto vencida...
Antes ser como quem à fraqueza se entrega,
E rolar pelo solo à primeira investida,
E morrer à explosão da primeira refrega!

1  In: Lacerda, 1967: 37. Segundo o biógrafo, este poema foi publicado em *O Globo*, logo após o falecimento da autora.

Numa Ilha²

Alguns palmos de terra. Em redor, a planura
Das águas, ora verde, em marulhos, rolando,
Ora aos raios do sol a prumo, desdobrando
Do seu lençol de prata a ofuscante brancura.

Panda a vela, um batel foge a distância... Quando,
Transpondo o ocaso, o sol que agoniza e fulgura,
Vai, em brando temor, numa planície escura
Longo rastro de sangue e púrpura deixando...

O crepúsculo sobe e, estrelando o infinito,
Sobre as águas estende o seu véu flutuante,
Que envolve os troncos nus da floresta dos mastros...

Agora a treva. E nem uma voz, nem um grito,
Que desperte, vibrando alegre ou suplicante,
O sossego da noite e a placidez dos astros...

Em Vão³

É a ilusão, bem vejo: em tua fronte
Inda fulge um resplendor de aurora.
Tens o mesmo sorriso com que outrora
Deliciavas a minha alma insonte.

Debalde apontas para além do monte
Prainos que a ardência do verão enflora;
Asas vibrando pelos céus em fora,
Céus sem nuvens, sem raios o horizonte...

Esta grandiosa e esplêndida paisagem
Desenrolada a meu olhar – miragem
De intensidade e luz – que importa a uma alma

Que só deseja, antes da noite escura,
Haurir da tarde um pouco de frescura,
Gozar um pouco do silêncio e calma?!



ÍNDICE

Descortinando Júlia	<i>Gilberto Araújo</i> VII
A Poesia Esquecida de Júlia Cortines	<i>Fausto Cunha</i>	.. 3

VERSOS

Preâmbulo	<i>Lúcio de Mendonça</i> 13
-----------	--------------------------	----------

PRIMEIRA PARTE

Soledade 20
Ruína 21
Indiferente 23
À Beira-Mar 24
A Vingança de Cambises 25
A Estátua 26
O Ninho 27
Via Dolorosa 28
Única Lembrança 29
Judas 30
Desencanto 31
Só 32
Suprema Dor 33
Diante de um Quadro 36

Um Pedaco de Céu.	37
Anfitrite.	38
A um Velho	40
Tarde de Inverno	41
Fragmentos do Livro de Jó	42
A Tempestade.	43
Prometeu.	44
Um Retrato.	45
Versos de um Suicida.	46
Dor Eterna	48
A Violeta.	50
A Magnólia.	51
Cançonetas	52
<i>Finis</i>	53
<i>Adesso e Sempre</i>	55
Destino	56
Ilusões	57
Dilúvio	58
Asas	60
Diálogo	61
Paisagem	63
A si Mesmo.	64
A uma Casa.	65

SEGUNDA PARTE

I	70
II	71
III.	72
IV.	73

V	74
VI	75
VII	76
VIII	77
IX	78
X	79
XI	80
XII	81
XIII	82
XIV	83
XV	84
XVI	85
XVII	87
XVIII	88
XIX	89
XX	90
XXI	92
XXII	93
XXIII	94
Nota	95

VIBRAÇÕES

À minha Musa	102
<i>In Extremis</i>	103
O Lago	105
O Anoitecer	106
O Condor	107
Depois da Batalha	108

O Deserto	109
A Giacomo Leopardi	110
Terra Ideal	112
Sinal na Frente	113
Entre Abismos	115
O Tempo	116
O Sonho	117
Uma Voz	118
À Noite	119
O Herói	121
D. Quixote	123
Hércules	124
Exilado	125
[<i>Não te dirá jamais, indiferente e calma</i>]	126
Vozes da Noite	127
Dor Secreta	129
Nostalgia Selvagem	130
Ancião Africano	132
Por quê?	133
O Infinito	134
A um Coração	135
Desiludida	136
A Alavanca de Ouro	137
Renúncia	138
Vencida	139
Eternidade	140
Fragmentos	141
Fracos	143
À Beira do Abismo	144

Interrogação	I46
Eu Estou Fatigada	I47
Vaticínio	I48
Esfinge.	I50
Alma Solitária.	I51
A um Cadáver.	I52
Sonhadores	I53
Enfim!	I54
Ao Sol.	I55
Por toda a Parte	I57
<i>Dies Irae</i>	I59
Última Página.	I60

POEMAS INÉDITOS

<i>Regret</i>	I63
Numa Ilha.	I64
Em Vão.	I65



☞ COMPOSTO EM MONOTYPE CENTAUR 11/15 PT: NOTAS, 9/12 PT.

